

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Conjugalidade lésbica na terceira idade: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais**

Lia Maraucci Meloni

Uberlândia, MG

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA  
INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

**Conjugalidade lésbica na terceira idade: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia, como requisito para obtenção do título de mestre em psicologia. Linha de pesquisa: Processos Psicossociais em Saúde e Educação.

Orientanda: Lia Maraucci Meloni

Orientador: Dr. Emerson Fernando Rasera

Uberlândia, julho de 2022

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU  
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

M528 2022	<p>Meloni, Lia Maraucci, 1997- Conjugalidade lésbica na terceira idade: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais [recurso eletrônico] / Lia Maraucci Meloni. - 2022.</p> <p>Orientador: Emerson Fernando Rasera. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Uberlândia, Pós-graduação em Psicologia. Modo de acesso: Internet. Disponível em: <a href="http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.490">http://doi.org/10.14393/ufu.di.2022.490</a> Inclui bibliografia.</p> <p>1. Psicologia. I. Rasera, Emerson Fernando, 1972-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Pós-graduação em Psicologia. III. Título.</p> <p style="text-align: right;">CDU: 159.9</p>
--------------	---

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:  
Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091  
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA**  
 Coordenação do Programa de Pós-Graduação  
 em Psicologia

Av. Pará, 1720, Bloco 2C, Sala 54 - Bairro Umuarama,  
 Uberlândia-MG, CEP 38400-902  
 Telefone: +55 (34) 3225 8512 - www.pgpsi.ip.ufu.br -  
 pgpsi@ipsi.ufu.br



**ATA DE DEFESA - PÓS-GRADUAÇÃO**

Programa de Pós-Graduação em:	Psicologia				
Defesa de:	Dissertação de Mestrado Acadêmico/ número 407, PGPSI				
Data:	Vinte e nove de agosto de dois mil e vinte e dois	Hora de início:	14:30	Hora de encerramento:	16:30
Matrícula do Discente:	12012PSI019				
Nome do Discente:	Lia Maraucci Meloni				
Título do Trabalho:	Conjugalidade lésbica na terceira idade: perspectivas apresentadas sob o olhar da literatura e das narrativas pessoais				
Área de concentração:	Psicologia				
Linha de pesquisa:	Processos Psicossociais em Saúde e Educação				
Projeto de Pesquisa de vinculação:	Modos de vida LGBT no Brasil contemporâneo: entrelaçamentos entre biografia e cultura				

Reuniu-se de forma remota, via web conferência, junto a Universidade Federal de Uberlândia, a Banca Examinadora, designada pelo Colegiado do Programa de Pós-graduação em Psicologia, assim composta: Professores Doutores: Rafael de Tilio - UFTM; Amana Rocha Mattos - UERJ; Emerson Fernando Rasera, orientador da candidata. Ressalta-se que todos membros da banca participaram por web conferência, sendo que o Prof. Dr. Rafael de Tilio da cidade de Ribeirão Preto - SP, a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Amana Rocha Mattos participou desde a cidade do Rio de Janeiro - RJ, o Prof. Dr. Emerson Fernando Rasera e a discente Lia Maraucci Meloni participaram desde a cidade de Uberlândia - MG, em conformidade com a Portaria nº 36, de 19 de março de 2020.

Iniciando os trabalhos o presidente da mesa, Emerson Fernando Rasera apresentou a Comissão Examinadora e a candidata, agradeceu a presença do público, e concedeu à Discente a palavra para a exposição do seu trabalho. A duração da apresentação da Discente e o tempo de arguição e resposta foram conforme as normas do Programa.

A seguir o senhor(a) presidente concedeu a palavra, pela ordem sucessivamente, aos(às) examinadores(as), que passaram a arguir o(a) candidato(a). Ultimada a arguição, que se desenvolveu dentro dos termos regimentais, a Banca, em sessão secreta, atribuiu o resultado final, considerando o(a) candidato(a):

Aprovada.

Esta defesa faz parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre.

O competente diploma será expedido após cumprimento dos demais requisitos, conforme as normas do Programa, a legislação pertinente e a regulamentação interna da UFU.

Nada mais havendo a tratar foram encerrados os trabalhos. Foi lavrada a presente ata que após lida e achada conforme foi assinada pela Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Emerson Fernando Rasera, Presidente**, em 29/08/2022, às 16:39, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Rafael De Tilio, Usuário Externo**, em 29/08/2022, às 16:40, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por **Amana Rocha Mattos, Usuário Externo**, em 29/08/2022, às 16:43, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://www.sei.ufu.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://www.sei.ufu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3868666** e o código CRC **21371763**.

**Resumo:**

Esta dissertação procura, a partir da exposição de dois artigos complementares, se aprofundar na intersecção traçada entre a velhice e os relacionamentos lésbicos, que são retratados a partir da perspectiva da literatura científica e também da visão pessoal de mulheres lésbicas idosas. Assim, este texto se organiza em dois grandes segmentos, começando pela apresentação do primeiro artigo, que consiste em uma revisão sistemática da literatura abrangendo mulheres lésbicas mais velhas e como suas conjugalidades têm sido representadas, seguido da apresentação do segundo artigo, que consiste na análise temática de entrevistas narrativas e procura refletir sobre as relações conjugais e o envelhecer na velhice lésbica a partir da perspectiva das interlocutoras. Considerando que trata-se de uma temática por vezes invisibilizada, trazer a vivência lésbica para o centro das discussões, aprofundando e produzindo perspectivas acerca de suas conjugalidades e envelhecimento, torna-se um exercício de grande importância, já que estes são aspectos que influenciam diretamente em sua qualidade de vida. Além disso, contribuir com a visibilidade da mulher lésbica idosa é também uma forma de afirmar a sua existência e resistência frente a contextos opressores.

Palavras-chave: Lésbica; Idosos; Envelhecimento; Conjugalidade; Relacionamento Conjugal

**Abstract:**

This dissertation seeks, from the exposition of two complementary articles, to delve deeper into the intersection drawn between old age and lesbian relationships, which are portrayed from the perspective of scientific literature and also from the personal view of elderly lesbian women. Thus, this text is organized into two large segments, starting with the presentation of the first article, which consists of a systematic review of the literature covering older lesbian women and how their conjugalities have been represented, followed by the presentation of the second article, which consists on the thematic analysis of narrative interviews, seeking to reflect on marital relationships and aging in lesbian elders from their own perspectives. Considering that it is a subject that is sometimes invisible, bringing the lesbian experience to the center of discussions, deepening and producing perspectives about their conjugalities and aging, becomes an exercise of great importance, since these are aspects that directly influence in their life quality. Besides, to contribute with the visibility of elderly women is also a way to affirm their existence and resistance in the face of oppressive contexts.

Key-words: Lesbian; Elderly; Aging; Conjugalities; Marital relationship

## SUMÁRIO

Parte I -Apresentação .....	09
Parte II - Conjugalidade lésbica da meia idade e adiante: o que a literatura tem a nos contar?.....	11
Parte III - A trajetória das conjugalidades nas narrativas de mulheres lésbicas idosas.....	37
Parte IV - Considerações finais.....	64

## Parte I

### APRESENTAÇÃO

My silences had not protected me. Your silence will not protect you. But for every real word spoken, for every attempt I had ever made to speak those truths for which I am still seeking, I had made contact with other women while we examined the words to fit a world in which we all believed, bridging our differences.

(Audre Lorde)

A velhice lésbica pode passar invisível aos olhos treinados a ver o mundo a partir de uma ótica padronizada. É na oposição ao olhar estático e estigmatizado da velhice que este trabalho se baseia. Situando-se no campo de estudos de gênero e sexualidade, essa pesquisa articula temas como velhice, lesbianidade e conjugalidade. Por tratar-se de um conceito por vezes invisibilizado, instigar reflexões sobre a sexualidade na terceira idade torna-se um exercício de grande importância, já que este é um aspecto que influencia diretamente na qualidade de vida das pessoas de diversas maneiras. Aqui, o foco é voltado para considerar os significados e experiências de relacionamentos lésbicos entre mulheres idosas.

Essas mulheres triplamente invisibilizadas (pela idade, gênero e orientação sexual), que apesar das divergências e exclusões, seguem suas vidas amando outras mulheres independente da ideologia dominante que as cerca, é que inspiraram este trabalho. Assim, trazer a vivência lésbica para o centro das discussões significa afirmar a existência e resistência do grupo frente a um contexto opressor. É a partir da perspectiva de construção sócio-histórica do sujeito que este trabalho tece suas discussões e reflexões, entendendo que a subjetividade é produto de diversos atravessamentos e vive um eterno processo de construir e ser construída por seu contexto.

O desejo de pesquisar sobre esse tema surge a partir de uma tentativa de união de dois grandes interesses acadêmicos, os estudos sobre sexualidade e estudos que envolvem pessoas idosas, e por identificação pessoal. Enquanto mulher lésbica, sinto necessidade em trazer esse assunto em pauta até como uma forma de perspectiva para o futuro. Na medida que acredito

que este trabalho pode ser transformador para essas mulheres, estou ao mesmo tempo transformando a mim mesma e o meu redor. Além disso, foi um grande prazer poder ouvir as histórias de oito mulheres fantásticas e de certa forma fazer parte delas. Apesar dos momentos difíceis que envolveram o processo do mestrado, foram estímulos que me movimentaram e motivaram a realizar esta pesquisa.

Este texto está organizado em dois grandes segmentos, da seguinte forma: inicialmente, será apresentada a revisão da literatura acerca do tema em questão, para que pudesse servir como arcabouço teórico e base para o estudo realizado posteriormente. Assim, a segunda parte diz respeito a um artigo de revisão sistemática da literatura que abrange mulheres lésbicas mais velhas e como suas conjugalidades têm sido representadas. A Parte III diz respeito à pesquisa de campo, que consistiu na análise temática de entrevistas narrativas, procurando refletir sobre as relações conjugais e o envelhecer na velhice lésbica a partir de suas próprias perspectivas. O conjunto formado entre os dois artigos apresentados é uma tentativa de contemplar a intersecção entre velhice e relacionamentos lésbicos, em um diálogo entre as concepções trazidas pela literatura científica e pelo ponto de vista de quem vive essa realidade. Ao final, o texto se encerra com considerações finais que apresentam os principais resultados entre os dois trabalhos além de apontar direções para os próximos estudos na área.

Aproveito este espaço para agradecer a todos que estiveram presentes e, direta ou indiretamente, me auxiliaram durante o mestrado. Em primeiro lugar, às participantes da pesquisa, por aceitarem compartilhar suas vidas comigo. Ao meu orientador que, além de todo o auxílio prático e teórico, sempre se mostrou sensível e compreensivo e, sem essas características que me admiram, eu não teria chegado ao fim desse processo. Agradeço também a todos os colegas mestrandos que muitas vezes compartilharam conquistas, angústias e estenderam a mão ao longo da formação. Por fim, agradeço a bolsa concedida pela CAPES, que proporcionou subsídios para que me dedicasse a esta pesquisa.

## Parte II

### **Conjugalidade lésbica da meia idade e adiante: o que a literatura tem a nos contar?**

### **Lesbian conjuality in middle age and beyond: what does the literature have to tell us?**

#### **Resumo**

Esta revisão objetiva analisar como os relacionamentos conjugais de mulheres lésbicas mais velhas têm sido representados na literatura, diante do apagamento das discussões sobre conjugalidade desse grupo. Para tanto, realizou-se uma revisão integrativa que resultou um corpus de 23 artigos, submetidos à análise descritiva e temática. Além da descrição sobre as características das publicações, a análise abarcou três categorias: Representações dos relacionamentos conjugais e o envelhecer para casais lésbicos; Relações e laços sociais: família, trabalho e rede de apoio; e Preocupações e preparações do casal frente o fim da vida. Considerando os resultados encontrados, temos que o autoconceito quanto aos seus relacionamentos, envelhecimento e orientação sexual tendem a ser positivos. As relações retratadas como duradouras e igualitárias, apresentam pontos de tensão nos vínculos familiares e laborais. Preocupações com finanças, moradia, aposentadoria e necessidade de buscar por respaldo que garanta a legitimidade da relação são frequentes em casais lésbicos mais velhos.

**Palavras-chave:** Lésbica; Idosas; Meia-Idade; Conjugalidade; Relacionamentos

#### **Abstract**

This review aims to analyze how the marital relationships of older lesbian women have been represented in the literature, given the erasure of discussions about conjuality in this group. Therefore, a bibliographic survey was carried out, which resulted in a corpus of 23 articles,

submitted to descriptive and thematic analysis. In addition to the description of the characteristics of the publications, the analysis covered three categories: Representations of marital relationships and aging for lesbian couples; Social relationships and ties: family, work and support network; and the couple's concerns and preparations for the end of life. Considering the results found, we have that the self-concept regarding their relationships, aging and sexual orientation tend to be positive. The relationships portrayed as lasting and egalitarian, present points of tension in family and work ties. Concerns about finances, housing, retirement and the need to seek support that guarantees the legitimacy of the relationship are frequent in older lesbian couples.

**Key-words:** Lesbian; Elderly; Middle Age; Conjugalilty; Relationships

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que o envelhecimento da população é um fenômeno que ocorre mundialmente, principalmente entre as mulheres, que tendem a viver mais que os homens (IBGE, 2011). Provavelmente, o número de mulheres lésbicas que atingem a velhice também tem aumentado. Embora esta realidade seja vigente e a produção científica sobre homossexualidade feminina esteja em ascensão e crescimento, a maior parte desses trabalhos não abarca satisfatoriamente as vivências de lésbicas idosas.

Por um lado, há estudos que se concentram apenas em faixas etárias mais jovens. Por outro lado, os estudos em larga escala incluem amostras mistas, com diferentes orientações sexuais ou diversas faixas etárias, sem dar a devida atenção à discussão sobre as categorias de idade e as suas especificidades. Dessa forma, as vivências de envelhecimento, particulares da faixa-etária, não são devidamente reconhecidas (Alves, 2010; Gabbay & Wahler, 2002; Schope, 2005).

Assim, fala-se sobre uma “tripla invisibilidade” envolvendo a velhice lésbica. Ela diz respeito justamente ao desinteresse na abordagem e cuidado desse nicho populacional, que fica vulnerável ao sofrimento de opressões por ageísmo (discriminação por idade), sexismo e lesbofobia, destacando três desafios distintos, mas que são enfrentados cotidianamente por essas mulheres (Kehoe, 1986). Dentre a literatura limitada que foca seus estudos exclusivamente em mulheres lésbicas mais velhas, existem poucos trabalhos que investigam os relacionamentos românticos ou conjugais. Com isso, dificulta-se a discussão de aspectos importantes sobre os relacionamentos afetivo-sexuais entre mulheres, o que culmina com o desconhecimento acerca da existência lésbica e sua diversidade (Toledo, 2008).

Existem questões comuns experienciadas por mulheres de diferentes orientações sexuais no que concerne os desdobramentos físicos, psicológicos e sociais relacionados

ao envelhecimento e que exercem influência sobre a sexualidade e as formas de se relacionar da mulher mais velha, como a menopausa, por exemplo. Contudo, as experiências afetivas de mulheres lésbicas diferem muito das vividas por mulheres heterossexuais, e há uma necessidade de esclarecimento e conhecimento mais aprofundados dessas relações (Lima, 2006). Os laços afetivos construídos não são baseados somente no desejo individual, mas perpassam relações de gênero, sexo, raça, classe, vínculos intergeracionais e orientação sexual e, por isso, para a mulher lésbica, os relacionamentos são marcados por processos de uma vivência heterodissidente, muitas vezes, estigmatizada (Toledo, 2008).

Embora o casamento, viuvez e aposentadoria sejam vivências de grande relevância para adultos mais velhos, alguns pontos-chave de distanciamento das experiências de idosas lésbicas em relação a pessoas com padrões de vida heteronormativos são destacados, como o próprio desenvolvimento da identidade sexual, as discriminações relacionadas à sua identidade e ao seu relacionamento, ou ao casamento entre mulheres, que sofreram influências do contexto histórico e cultural vivido. Lésbicas que hoje tem 65 anos cresceram em um momento em que a sociedade impunha rígidos papéis de gênero e divisões muito tradicionais de trabalho, que designavam ao homem a função de provedor e à mulher de cuidadora. Movimentos históricos de libertação feminina exerceram grande influência sobre as formas de se vivenciar a sexualidade, porém para mulheres com mais de 80 anos essas mudanças sociais parecem que vêm tarde demais. É em meio a essas transformações sociais que lésbicas construíram sua identidade e suas relações, portanto é necessário considerar o impacto geracional, assim como das múltiplas discriminações vividas, sobre a visibilidade e bem-estar dessas mulheres (Barker, De Vries & Herdt, 2006).

Considerando a lacuna acadêmica sobre estudos que compreendam os

relacionamentos lésbicos, a presente revisão da literatura busca explorar os vínculos conjugais de mulheres lésbicas mais velhas. Para tanto, o uso do termo conjugalidade se torna proposital neste trabalho, por se tratar de uma expressão que não corresponde a um rótulo ou status específico, mas que diz de uma relação em constante movimento e mudança, podendo descrever um namoro, casamento, união estável, ou qualquer outro “nome” que se dê a uma relação construída em casal (Porreca, 2019). Ainda, a iniciativa de investigar as relações amorosas procurando não se restringir a um estado civil específico, como o casamento, também se relaciona com a realidade de que a união civil entre duas mulheres nem sempre foi permitida, o que significa que durante muito tempo não houve possibilidade de escolha para casais lésbicos quanto ao reconhecimento legal de sua união.

Pensando na importância de abordar a relação entre parceiras do mesmo sexo e tendo em consideração o crescimento da população idosa, acompanhado do apagamento das discussões sobre a conjugalidade desse grupo, objetivou-se com esta revisão analisar como os relacionamentos conjugais de mulheres lésbicas mais velhas têm sido representados na literatura.

## **MÉTODO**

O presente estudo é uma revisão integrativa da literatura, que de acordo com Whitemore e Knaf (2005) consiste em uma forma de obter dados metodológicos e de resultados diversos, sem perder o rigor metodológico de busca, e que pretende responder à pergunta de pesquisa “Como os relacionamentos conjugais de mulheres lésbicas mais velhas têm sido representados na literatura?”.

O processo de levantamento bibliográfico foi realizado em janeiro de 2021 nas seguintes bases de dados: Psycinfo, BVS Saúde e SciELO. Os critérios considerados para a seleção das bases foi por serem de domínio brasileiro e internacional, e por

incluïrem artigos relacionados à temática investigada pela revisão. Os descritores ou palavras-chave utilizados para pesquisa foram: “lesbian AND (romantic relationships OR marriage OR marital relations) AND (aging OR older persons OR elder OR senior)” na base Psycinfo e “(lésbica OR lesbianismo) AND (casamento OR relacionamento conjugal) AND (envelhecimento OR pessoa idosa)” nas bases BVS Saúde e SciELO. Além disso, foram utilizados filtros disponíveis nas próprias bibliotecas online, de forma a selecionar apenas artigos já revisados por pares e, com exceção da Psycinfo que trabalha exclusivamente com publicações em inglês, os filtros de seleção de trabalhos na língua inglesa e portuguesa também foram utilizados. É importante ressaltar que a última base citada (SciELO) não surtiu resultados, tanto de artigos em inglês ou português, além do fato de que em ambas as outras bases todos os artigos encontrados estavam na língua inglesa.

Em relação ao período da pesquisa, a busca contemplou os anos de 2010 a 2020. Foram recuperados 140 artigos ao todo, dos quais, primeiramente, foram excluídos os artigos duplicados resultando em 133 trabalhos; depois procedeu-se à leitura dos títulos e resumos com o intuito de avaliar se constavam informações referentes aos relacionamentos conjugais de mulheres lésbicas mais velhas. Em seguida, a leitura dos textos completos foi realizada a fim de ponderar se os artigos seriam ou não inclusos no corpus da revisão de acordo com sua elegibilidade, realizando a seleção final do material.

Como critérios de inclusão foram adotados os seguintes aspectos: (a) publicações no formato de artigo científico; (b) na língua inglesa ou portuguesa; (c) trabalhos revisados por pares; (d) dentro do período de 2010 a 2020; e (e) que estivessem dentro da temática proposta pela revisão, tratando de mulheres lésbicas mais velhas e seus relacionamentos conjugais. Os estudos foram excluídos quando: (a) trabalhos fora da

temática em discussão; (b) que não tinham as mulheres como foco; e (c) que não abarcassem pessoas de meia-idade em diante. Assim, o *corpus* final da revisão foi composto por 23 artigos.

Um formulário de extração de dados e método de codificação foi desenvolvido como meio de organização dos estudos incluídos, através de uma planilha do Excel, de forma a separar informações chave sobre cada trabalho. As variáveis de interesse para a revisão foram dispostas na planilha com informações sobre: títulos de cada texto, resumos, autores, palavras-chave, anos de publicação, seus periódicos, área de estudo da revista, objetivo, método, estratégia de coleta de dados, análise dos dados, participantes do estudo, perfil dos participantes, local do estudo, contexto, principais resultados e as potencialidades e limitações dos estudos.

Os dados dos resultados foram submetidos à análise temática, que consiste na criação de categorias temáticas classificadas e agrupadas de acordo com suas semelhanças de conteúdo, seguindo etapas de pré-análise, exploração do material, tratamento dos resultados, inferência e interpretação dos mesmos (Bardin, 2006). As publicações selecionadas foram lidas diversas vezes a fim de obter familiarização com os dados, de forma que os temas de análise fossem identificados de acordo com as principais características de seus resultados.

## **RESULTADOS**

As informações dos 23 artigos foram apresentadas na revisão divididas em quatro partes. A primeira, Panorama das publicações, se refere aos dados descritivos e características dos estudos, apresentadas de acordo com as dimensões: (a) Ano, (b) Fonte de publicação, (c) País de origem, (d) Métodos e (e) Participantes. Em seguida, os principais resultados dos estudos analisados foram agrupados de acordo com suas

afinidades temáticas, abarcando três categorias|: Representações dos relacionamentos conjugais e o envelhecer para casais lésbicos; Relações e laços sociais: família, trabalho e rede de apoio; e Preocupações e preparações do casal frente o fim da vida.

### **1- Panorama das publicações**

Em relação à primeira dimensão de análise, (a) Ano, sobre a distribuição das publicações ao longo dos anos, observa-se que cinco foram publicados em 2018, sendo esta a maior concentração de trabalhos em um ano; seguido de quatro artigos publicados em 2012 e em 2017; dois nos anos de 2014 e 2015; uma publicação nos anos de 2011, 2013, 2016, 2019, duas em 2020; e nenhuma no ano de 2010. Os trabalhos revisados não seguiram um crescimento ou decréscimo em relação aos anos.

Os resultados relativos à dimensão (b) Fonte de publicação, que diz respeito às revistas e suas áreas de estudo, apontam que os artigos foram publicados em 16 periódicos distintos. Dentre todos os 23 trabalhos, não houve nenhuma publicação em periódico brasileiro, fato que vai ao encontro do que é relatado por diversos autores, como Anne Dantas (2021), ao denunciar a falta de publicações relacionadas à temática do envelhecimento lésbico, principalmente na literatura brasileira, ao mesmo tempo em que a conjugalidade de casais gays e lésbicos é um campo que tem atraído a atenção (Nascimento, Scorsolini-Comin, Fontaine & dos Santos, 2015). Quanto às áreas de foco dos periódicos analisados, foram encontradas: 6 publicações voltadas aos estudos sobre a pessoa idosa, suas questões particulares, de saúde e sociais; 5 em revistas multidisciplinares que tratam de temas de saúde e sociais de maneira mais geral e integrativa, sem abordar um nicho populacional específico;

4 em revistas que versam particularmente sobre casamento e família; 4 em periódicos específicos sobre homossexualidade; 1 em um periódico de psicologia; 1 de estudos feministas, 1 específico sobre sexo; e 1 específico sobre o envelhecer na

mulher. Considerando os resultados, os artigos foram distribuídos em vários tipos de revistas, e não se identificou nenhuma publicação em um periódico científico voltado especificamente ao envelhecimento LGBT, o que assinala o desinteresse relacionado à velhice lésbica, apesar da atenção crescente sobre seus relacionamentos.

Sobre a dimensão (c) País de origem, a grande maioria tem origem exclusivamente estadunidense (19), sendo que apenas três trabalhos têm origens diferentes: Canadá, Argentina e Austrália, e um deles foi realizado entre os Estados Unidos e Canadá. A predominância da origem estadunidenses pode se dever a uma maior quantidade de produção advinda do país, mas também pode ter sido influenciada pela busca realizada na base internacional Psycinfo. Contudo, ainda se ressalta a necessidade de mais estudos nacionais nessa área e que considerem a realidade brasileira (Dantas, 2021).

O que concerne a dimensão (d) Métodos, foram encontradas 11 pesquisas qualitativas empíricas, 9 quantitativas empíricas, duas revisões de literatura qualitativas e um artigo “quanti-quali”. Os métodos de coleta variaram entre de entrevistas semiestruturadas em profundidade (10 artigos), uso de grupo focal (1 artigo), questionário aplicado em papel e online (4 artigos), levantamento bibliográfico (2 artigos), uso de dados decorrentes de projetos anteriores (6 artigos), como com a retirada de informações de perfis de sites públicos ou do *Census*. Já o recrutamento, salvos os casos citados em que os dados já existiam e não foi preciso recrutar pessoas para a pesquisa, nota-se um uso de métodos variados: divulgação por meio da mídia, redes sociais, contato direto por telefone, e-mail, panfletagem, envio de cartase ajuda por intermédio de registros locais e agências comunitárias. Quanto às análises, entre as pesquisas qualitativas, a maioria ocorreu por métodos indutivos de categorização e codificação, com exceção de uma pesquisa que utilizou análise narrativa, sendo

importante ressaltar que seis destas fizeram uso de softwares como auxílio da análise. Já entre as análises quantitativas, observou-se a aplicação de análise descritiva, análise estatística de regressão com auxílio de softwares (Stata 12, Stata 14.1, Mplus 7.4 e SPSS), e análise exploratória textual por meio do software Meaning Extraction Helper. Entre as revisões, uma não apresenta método de análise, enquanto a outra parte da teoria feminista e sociologia. Por fim, o trabalho “quanti-quali” analisou seus dados qualitativos por meio da análise temática e os quantitativos por análise estatística descritiva. Assim, tendo em conta a metodologia qualitativa e quantitativa dos 23 estudos selecionados, foi possível apreender conteúdos relacionados ao envelhecimento e relacionamentos lésbicos de forma qualitativamente aprofundada e também de maneira quantitativa e passível de generalização.

A propósito da quinta dimensão, (e) Participantes, observa-se que o número de pessoas flutuou muito, considerando a variedade do corpus da revisão. Temos um *N* variando de 5 a 120 pessoas nas pesquisas quali, de 265 a 3.567 nas pesquisas quanti (salvo o estudo que utilizou dados do *Census* e obteve um número muito maior de participantes), e 456 na pesquisa “quanti-quali”. Apesar da grande variação numérica, os estudos concentram-se em nichos similares, os quais focam suas discussões em pessoas de meia-idade e pessoas idosas. É importante ressaltar que dos 23 artigos apenas quatro tratavam exclusivamente de mulheres lésbicas, dos demais, 10 foram compostos de forma mista (por homens e mulheres e com pessoas heterossexuais e homossexuais), entretanto foram incluídos na revisão por também trazerem a mulher lésbica como parte da discussão, seguidos por 9 artigos que se concentravam na população LGBT+, abordando homens gays, mulheres lésbicas e bissexuais. Apenas um trabalho incluiu pessoas transexuais em sua amostra, que consistiu em apenas 1.1% dos participantes totais da pesquisa. Assim, destaca-se a importância em diversificar as

populações estudadas, considerando a identidade e gênero das pessoas além de sua orientação sexual, assim como a relevância de mais trabalhos que falem sobre a realidade da mulher lésbica, cisgênea e transgênera, especificamente; além da importância de mais estudos que tratem de mulheres lésbicas de forma exclusiva, permitindo discussões e dados mais aprofundados e específicos acerca de seus relacionamentos e trajetórias.

Ademais, no que diz respeito à faixa-etária que as pesquisas contemplam, dos 23 trabalhos apenas 8 se concentravam em pessoas idosas, enquanto 15 tinham a amostra composta majoritariamente por pessoas de meia-idade adiante. Essa diferença talvez possa ser indicativa do entendimento comum que o avançar da idade implica em menores investimentos nos relacionamentos afetivo-sexuais. Contudo, em relação aos quatro estudos exclusivos com lésbicas, dois deles trataram especificamente da lésbica de idade avançada e os outros dois, de lésbicas na meia-idade. Houve também um perfil evidenciado entre as participantes das pesquisas: majoritariamente brancas, com altos níveis educacionais e com melhores condições financeiras. A participação de minorias racializadas, ou em vulnerabilidade socioeconômica, foi bastante pequena quando comparada ao número total de participantes, o que indica que as amostras foram limitadas e enviesadas a um perfil privilegiado.

## **2- Representações dos relacionamentos conjugais e o envelhecer para casais lésbicos**

Dentre as publicações revisadas, observaram-se alguns pontos em comum no que se refere a como as relações lésbicas são caracterizadas. O primeiro, e talvez um dos aspectos mais significativos, é sobre como o relacionamento lésbico é constantemente retratado como uma parceria de longa duração, aduzindo que as mulheres tendem a se envolver em relações mais longas e estáveis, nas quais as companheiras identificam-se

como parceiras para a vida. Enquanto isso, lésbicas que não vivem um relacionamento como este apresentam o desejo e a procura por estar, considerando que os relacionamentos estão correlacionados a níveis de saúde e interação social mais altos e menos chances de solidão na velhice (Averett, Yoon, & Jenkins, 2011; Powell, & Neustifter, 2012; Averett, Yoon, & Jenkins, 2012; Williams & Fredriksen-Goldsen, 2014).

Um segundo aspecto versa sobre o modo que os relacionamentos lésbicos são descritos como mais dinâmicos e apoiadores, constituindo uma relação em que o casal se reforça mutuamente. As informações sugerem que casais homossexuais tendem a adotar dinâmicas mais igualitárias na relação, quando se leva em consideração a comparação com o cotidiano de casais heterossexuais, indicando que os contextos relacionais de gênero entre lésbicas criam sistemas de intimidade característicos e que sustentam o relacionamento ao longo do tempo. Isso colabora para que o vínculo se construa de forma a serem caracterizados por uma maior igualdade, seja na contribuição financeira, seja nas divisões domésticas, em geral (Reczek & Umberson, 2012; Umberson, Thomeer & Lodge, 2015; Hsieh & Liu, 2020).

No mesmo sentido dos acordos domésticos, o cuidado entre o par também é retratado dentro de uma perspectiva de co-construção e maior atenção. Os resultados indicam que as mulheres no geral, independente de orientação sexual, tendem a realizar mais comportamentos de cuidado para com o(a) parceiro(a), e que isso tem relação com o desempenho de papéis marcados pelo gênero. Da mesma maneira, casais homossexuais destoam da heteronormatividade, ou seja, rompem com estes papéis pré-estabelecidos de alguma forma. Nesse sentido, ao romperem com as noções heteronormativas de gênero e os papéis incumbidos à mulher, como o da cuidadora, mulheres em relacionamentos do mesmo sexo parecem criar uma nova dinâmica de

cuidado em saúde uma com a outra (Umberson, Thomeer, Kroeger, Reczek & Donnelly, 2017). No casal lésbico, retratado como um laço de ligação íntima e mútua, os hábitos de saúde podem ocorrer em uma relação de estímulos positivos, mas também de hábitos não saudáveis, sugerindo a existência de uma reciprocidade na qual casais lésbicos realizam o trabalho de saúde de maneira mais consistente e intensa por meio de métodos de apoio mútuo (Reczek, 2012; Reczek, Gebhardt-Kram, Kissling & Umberson, 2018).

Considerando os achados em relação à sexualidade, também houve temáticas de destaque, como a atividade sexual e sua frequência, os novos significados que o ato sexual passa a ter, o desejo de se relacionar dentro de características específicas e os desafios de tratar da sexualidade de mulheres lésbicas idosas. No geral, encontrou-se que ao tratar da sexualidade na idade avançada o tema sexo não sofreu apagamentos ou deixou de vir à tona com frequência, pelo contrário, as mulheres falam sobre isso e de maneira positiva. Foi considerado que o advento da idade gera impactos na atividade sexual de forma cônica entre os trabalhos, tendo em conta que o ato é limitado por mudanças corporais e desafios desencadeados pela própria idade avançada, como no caso de problemas relacionados à dor, diminuição da libido, diminuição na frequência e mudanças nas formas de realizar a performance, porém, apesar do declínio relatado, os resultados sugerem um nível positivo de satisfação de lésbicas mais velhas com suas vidas sexuais e o processo de envelhecimento vivido, tendo em conta que a própria satisfação com a vida sexual é reflexo de uma satisfação com relacionamento em si (Averett, Yoon & Jenkins, 2012; Paine, Umberson & Reczek, 2018; Fleishman, Crane & Koch, 2020).

Nota-se que parceiras lésbicas enfatizam o sexo como um dos principais símbolos de intimidade e da união, rompendo com a ideia do relacionamento lésbico

de longa duração e navelhice como assexuado (Umberson, Thomeer & Lodge, 2015). Contudo, é fato que ato sexual na velhice passa a adquirir novos sentidos e formatos, sem deixar de existir e ser desejado ou procurado, mas passando a ter expressões por meio de diferentes nuances, como através do desejo por romance, companhia e parceria (Griffin, & Fingerma, 2018). No entanto, é necessário frisar que, apesar dos achados que apontam para vivências positivas na intersecção entre sexualidade e envelhecimento, ainda existem desafios enfrentados por mulheres mais velhas no que diz respeito ao assunto, como o apagamento dessa temática e a falta de informações, além da dificuldade de encontrar atendimento especializado em que se sintam à vontade para tratar dessas questões (Powell & Neustifter, 2012).

Mais especificamente relacionado à fase da vida, foi apontado por parte das mulheres uma preferência por se relacionarem com outras parceiras com até 10 anos de diferença de si, indicando a existência de um impacto que a idade exerce sobre os relacionamentos, considerado pelas próprias mulheres (Averett, Yoon, & Jenkins, 2011; Averett, Yoon & Jenkins, 2012). As dificuldades enfrentadas por um casal mais velho, em um relacionamento de longo prazo, em sua maioria não são as mesmas de cônjuges mais jovens, já que precisam lidar com questões de saúde que se iniciam com o passar dos anos, como a menopausa e, dessa forma, exercem maior influência na saúde uma da outra. Outra opinião comum foi a de que a idade também exerce influência sobre a maturidade com a qual o par irá lidar com esses mesmos problemas e também com as coisas boas, sendo um aspecto positivo apontado nos casais de lésbicas mais velhas, especificamente depois dos 50 anos, que afirmam que sentem suas relações conjugais mais estáveis e maduras e incumbem a razão disso à maturidade adquirida. Ainda, a maior parte das mulheres consideram ser as mesmas pessoas que eram no início de seus relacionamentos, mas reconhecem uma diminuição

no foco em aspectos físicos e sexuais da relação, em contraste com um aumento na maturidade, estabilidade e conexão emocional com a parceira, sinalizando ainda como a comunicação sobre essas mudanças pode ajudar o casal nesse processo (Reczek, Gebhardt-Kram, Kissling & Umberson, 2018; Averett, Yoon & Jenkins, 2012; Paine, Umberson & Reczek, 2018).

No geral, os achados da revisão versam sobre mulheres com sentimentos positivos em relação a serem lésbicas e o envelhecer. As mudanças culturais da sociedade referentes a uma maior aceitação de diferentes orientações sexuais aparecem como relacionadas a essa mudança positiva, apesar de ainda vir com ressalvas quanto à real mudança significativa e profunda, assim como com a dúvida de sua continuidade. Relatos expõem que o momento da “saída do armário”, a partir do qual as mulheres passam a viver uma vida aberta sem precisar se esconder, quando feitos em um ambiente e sociedade em que é possível e seguro de fazê-lo, torna-se um aspecto positivo e impulsiona o sentimento positivo sobre si mesma (Iacub, Arias, Mansinho, Winzeler & Vazquez Jofre, 2019; Averett, Yoon & Jenkins, 2011; Averett, Yoon & Jenkins, 2012).

### **3- Relações e laços sociais: família, trabalho e rede de apoio**

Um dado bastante importante apontado pelos estudos referindo-se à mulher lésbica mais velha é que grande parte delas já foi casada com homens em algum ponto de suas vidas. As razões para tanto são distintas: algumas mulheres demoraram a se descobrir e ter a primeira relação com outra mulher, outras engataram em um relacionamento heterossexual por motivações familiares, por benefícios de saúde, por “fachada”, para constituir família, entre outras razões. O que há de comum entre os diversos motivos é que a época em que se casaram não era tão permissiva como hoje e pressões da sociedade, como a ideia da mulher que deve se casar cedo e

constituir família, acabavam ganhando mais peso. Isso indica que muitas mulheres viveram parte de sua vida em segredo, tendo a segurança de um relacionamento com “privilégios heterossexuais”, mas vivenciando situações de descontentamento com a relação, além de relatos de que os casamentos heterossexuais anteriores já tinham acabado muito antes do seu término oficial. Em contrapartida, as lésbicas que nunca se casaram com homens anteriormente tendem a ter se “descoberto” e começado a se relacionar com outras mulheres mais cedo (Averett, Yoon & Jenkins, 2011; Averett, Yoon & Jenkins, 2012; Waite, 2015; Fredriksen-Goldsen, Bryan, Jen, Goldsen, Kim & Muraco, 2017).

Levando essa realidade em consideração, muitas mulheres que hoje se identificam como lésbicas têm um histórico de já terem sido casadas e constituído uma família antes do atual relacionamento homossexual. Em outros casos, casais lésbicos tiveram filhos por meio da adoção e também pelo envolvimento com parceiras que já eram mães por relacionamentos anteriores. Em todos os quadros e possibilidades, a relação com a família existe e é retratada pela literatura por meio de diferentes pontos de vista; em sua grande maioria, as mulheres representadas pelas pesquisas eram assumidas em relação a sua sexualidade para suas famílias e isso exhibe diferentes repercussões entre os estudos. Para algumas mulheres, o contato familiar acontecia regularmente, com os filhos e com os pais, e mantinham uma relação positiva com os familiares, enquanto para outras o fato de serem lésbicas representava uma tensão e motivo de afastamento da família, por conta de sua orientação sexual estigmatizada. O baixo nível de apoio familiar aparece como uma das principais razões para a solidão de pessoas LGBT na velhice, acompanhada do fato de que para esse nicho o casamento homossexual também é uma realidade por vezes mais distante, e que somado à falta de apoio familiar contribui para que mulheres lésbicas mais velhas se sintam mais

sozinhas em comparação com mulheres heterossexuais (Averett, Yoon & Jenkins, 2011; Hsieh & Liu, 2020). Ainda, a relação familiar pode impactar até nas condições de moradia, considerando casos em que a pessoa idosa necessita de cuidados intensivos e casas de abrigo ou repouso que nem sempre são acolhedoras, especialmente para idosos LGBTQ+. Nessas situações, existindo circunstâncias em que a família pode ou não aceitar a orientação sexual da mulher assim como sua parceira, a situação se torna ainda mais delicada por envolver a necessidade do cuidado de terceiros (Powell & Neustifter, 2012).

Para além das relações familiares, outro ponto que se destaca entre as publicações se refere às interações das mulheres em seu ambiente de trabalho. Nesse contexto, grande parte delas não se sente confortável em ter sua orientação sexual revelada, preferindo manter essa parte de si reservada a fim de evitar possíveis constrangimentos ou discriminação. Considerando esse cenário, e também a realidade da “dupla invisibilidade” vivenciada por essas mulheres devido ao seu envelhecimento e status de minoria social, por vezes, sentem-se incapazes e diminuídas em suas ocupações. Embora as leis tenham mudado em muitos países e existam mais direitos legais e também maiores níveis de aceitação pública atualmente, a própria identificação enquanto parte de um casal lésbico significa colocar-se em evidência e contribui com uma maior exposição frente a diferentes reações dos colegas de trabalho, que nem sempre são positivas. Essas formas de discriminação têm um impacto negativo na saúde e na vida de mulheres lésbicas no geral, inclusive em seus relacionamentos. Considerando que muitas não se sentem confortáveis ou seguras em assumir a relação e introduzir suas parceiras ao seu ambiente de trabalho e aos colegas, esse passa a ser um espaço no qual a relação precisa ser ocultada de alguma forma, impedindo a existência plena da identidade lésbica e como casal enquanto sentirem a

necessidade de manter o sigilo da relação no ofício, o que pode se tornar uma questão conflituosa entre o par (Powell & Neustifter, 2012; Fredrikse-Goldsen, Bryan, Jen, Goldsen, Kim & Muraco, 2017; Williams & Fredriksen-Goldsen, 2014, Fleishman, Crane & Koch, 2020).

Apesar dos desafios enfrentados nas relações com a sociedade heteronormativa no geral, foram encontrados bons níveis de relações sociais entre casais lésbicos mais velhos. Mulheres lésbicas mais velhas muito provavelmente não cresceram em um lar ou ambiente que fosse aberto e acolhedor em relação à sua orientação sexual e, muitas vezes, esse contexto de crescimento era até adverso e opressivo, sem orientações culturais em relação a ser lésbica. Por isso, fez-se necessário e são criados locais de convivência seguros e acolhedores para essas mulheres, como uma comunidade privada. É um mundo exclusivo de relações, interconexões, ativismo e cultura da comunidade lésbica, que funciona como uma rede de empatia e conexões que servem de apoio frente às agressões e discriminações enfrentadas (Waite, 2015; Averett, Yoon & Jenkins, 2011). Dessa forma, frente a uma desconfiança para com o ambiente, grupos de apoio social ou espaços de reconhecimento surgem como alternativa importante de segurança e meio para criação de laços, onde mulheres em situações semelhantes conectam-se entre si. Assim, lésbicas mais velhas relatam ter envolvimento mais profundos em suas amizades, sendo este um aspecto essencial a ser considerado na vida de adultos mais velhos e idosos LGB (Iacub, Arias, Mansinho, Winzeler, & Vazquez Jofre, 2019; Hsieh, & Liu, 2020).

#### **4- Preocupações e preparações do casal frente ao envelhecer**

Algumas considerações, preocupações e preparações que não precisam ser pensadas por um casal mais jovem passam a se tornar questões centrais e importantes na medida que os pares envelhecem e precisam se preparar para as demandas que vêm

com a idade. Nesse sentido, temas como casamento, luto, planejamento financeiro, aposentadoria, e escolha de residência passam a adquirir um outro olhar e importância. O casamento para mulheres lésbicas é visto com muita ambiguidade pelas mesmas, ele pode significar uma seguridade dos direitos e benefícios, assim como também pode ser visto a partir de uma crítica queer e feminista, ao mesmo tempo. A ambivalência se faz bastante presente nas opiniões em relação ao casamento, e isso diz muito sobre o processo histórico vivido pelas mulheres, que nem sempre tiveram a opção do casamento legal como algo possível de ser considerado na realidade do casal e, assim, durante muito tempo, os relacionamentos foram cultivados sem perspectiva de um futuro que incluísse casar-se uma com a outra legalmente (Bosley-Smith & Reczek, 2018).

Apesar da visão hesitante em relação aos significados do casamento, muitas mulheres se colocam contra a prática enquanto instituição heterossexual, mas a favor dos direitos civis e da união, ou seja, a favor da opção para casais lésbicos que quiserem se casar. As razões consideradas na tomada de decisão pelo casamento perpassam questões pessoais e também políticas para a maioria dos pares, mas entre as que optaram por essa união relatam uma experiência positiva e alegre nas preparações da cerimônia e do casamento em si. Os casais que optam por casar-se o fazem por almejar as proteções legais que se estendem aos cônjuges, além da validação social que a sociedade lega para casais; e também pelo fato do casar ou coabitar ser uma forma de evitar a solidão na velhice, considerando que pessoas LGB tem maior prevalência em estarem solteiras nessa fase em comparação a pessoas heterossexuais, e isso acarreta em um importante fator de risco para a solidão (Humble, 2013; Rostosky, Riggle, Rothblum & Balsam, 2016; Hsieh & Liu, 2020; Goldsen, Bryan, Kim, Muraco, Jen & Fredriksen-Goldsen, 2017). Ainda, é importante considerar que muitas pessoas,

incluindo gays e lésbicas, não costumam considerar e relacionar a hipótese do divórcio aos casamentos homossexuais. Essa realidade reflete na falta de discussões e problematizações que concernem o divórcio de casais gays e lésbicos, mas também sugerem que a aceitação e apoio destes vêm acompanhada da necessidade de existirem e estarem enquanto casal, fazendo uma reflexão de que o apoio e aceitação é dado somente aos casados (Hoy, 2018).

No mesmo sentido de pensar no casamento como um respaldo legal da união e garantia dos direitos das parceiras futuramente, outros pontos como relação com familiares e luto são levados em consideração e passam a ganhar mais importância para casais mais velhos. Casais que já vivenciaram o luto relatam ter enfrentado dificuldades além do impacto emocional, mas problemas relacionados a aspectos jurídicos, financeiros e com as famílias das cônjuges. Quando um casal heterossexual começa a se preparar para o fim da vida se depara com toda uma estrutura já existente e preparada para auxiliar nesse processo, que vai de profissionais a sistemas de apoio específicos para isso, como acontece com advogados especializados, com casas de repouso se necessário, médicos que ajudam na preparação da família, entre outros serviços que já são conhecidamente preparados para esses casos; mesmo em caso de falecimento e não existência de um testamento, para um casal heterossexual o cônjuge sobrevivente dificilmente terá que se preocupar com a possibilidade de perder sua casa ou seus recursos, o que não pode ser considerado como garantia para um casal lésbico. Para essas mulheres, existe a possibilidade da união não ser reconhecida nem por suas famílias e nem legalmente, sem mencionar que em alguns casos a união permanece em segredo e não comunicada durante muito tempo, o que dificulta seu reconhecimento ainda mais, e a parceira acaba por não ter seus direitos assegurados (Averett, Yoon & Jenkins, 2011; Powell & Neustifter, 2012).

Outro aspecto importante a ser considerado é a organização financeira, já que no fim da vida as pessoas passam a contar com suas aposentadorias e economias. No contexto de casais lésbicos, essa questão passa a ser mais complicada, considerando que os salários das mulheres costumam ser mais baixos em comparação com os dos homens, o que já as coloca em desvantagem cumulativa ao longo de suas vidas; além de enfrentarem perdas adicionais por conta das restrições legais (Baumle, 2014; Goldsen, Bryan, Kim, Muraco, Jen & Fredriksen-Goldsen, 2017). Conhecendo esses desafios, os casais buscam criar planos formais e informais para o fim da vida que os garantam legalmente e os poupe de interferências negativas da família extensa, em alguns casos, se apegando às suas redes de amizade e conversando com os amigos sobre os planos futuros, de forma que estes tenham diretrizes explícitas sobre como manejar os cuidados futuros. Ainda, é preciso considerar que mulheres em estado de risco e com menos recursos financeiros podem demandar mais de assistência para garantir suas necessidades básicas, no sentido de precisarem prestar mais atenção na detecção e prevenção de possíveis riscos de saúde antes de atingirem a velhice, para que estes não se tornem problemas futuros em sua organização financeira, o que não ocorre com casais que possuem mais recursos econômicos (Thomeer, Donnelly, Reczek & Umberson, 2017; Fredriksen-Goldsen, Bryan, Jen, Goldsen, Kim & Muraco, 2017).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Considerando os resultados encontrados, temos a representação do relacionamento lésbico como uma parceria com tendência a ser duradoura e de dinâmica mais igualitária. Lésbicas mais velhas, no geral, têm um autoconceito positivo referente aos seus relacionamentos, ao envelhecer e sua orientação sexual.

Muitas lésbicas idosas já viveram um relacionamento heterossexual em algum momento de suas vidas. Sobre suas relações familiares, apresentam-se bastante divididas, em alguns casos a relação com a família é bastante aberta e de aceitação, enquanto em outros pode ser conflituosa ou até mantida em sigilo por receio de reações negativas. Ainda sobre pontos de tensão, o trabalho aparece como um local de grande insegurança quanto a assumir ou não a relação nesse contexto. No geral, essas mulheres têm fortes laços de amizade entre si, formando redes de apoio sólidas e profundas. Por fim, observou-se que preocupações com o fim da vida aparecem com frequência entre casais mais velhos, e relacionadas a moradia, finanças, aposentadoria e também à vivência do luto, nas quais o casal precisa buscar respaldos legais que garantam o reconhecimento de sua relação como forma de preparar-se para o fim da vida, já que nem sempre podem contar com suas famílias ou outras formas de apoio.

É importante desvendar e desmistificar o que se sabe em relação aos relacionamentos conjugais de idosas lésbicas pois, embora estas mulheres estejam se tornando mais visíveis na sociedade, o conhecimento empírico e o interesse em relação à terceira idade lésbica ainda é pequeno. Os resultados dessa revisão podem contribuir para melhor atuação profissional junto a esse grupo, bem como, a criação formulação de políticas públicas específicas. Para profissionais da saúde, ter conhecimento das necessidades e potencialidades desse grupo é um meio de oferecer uma escuta mais apurada e competente. Aqueles que desenvolvem políticas públicas para mulheres mais velhas devem estar atentos às particularidades que afetam idosas lésbicas na inclusão de formas de visibilidade e comunicação que o grupo exige, sendo implementadas de diferentes maneiras, como em produções culturais ou legislações específicas à essa população.

Em relação às pesquisas da área, ressalta-se a importância de diversificar as

amostras dos trabalhos, considerando que quase não houve estudos que incluíssem uma porcentagem significativa de mulheres de baixa escolaridade, de baixa renda, de outras raças que não a branca, que não fossem cisgênero, ou membros de outras minorias. Tratar da mulher lésbica mais velha, mas com dados de pessoas que partem de um lugar de maior segurança financeira e social, significa que as alternativas buscadas e as vivências não são as mesmas de outras mulheres em situação de vulnerabilidade, contribuindo com dados que relatam apenas uma parcela privilegiada, e não uma realidade que diz respeito a todas as mulheres. Em relação ao casamento, uma limitação encontrada entre os estudos foi a de que as legislações que permitem o casamento legal entre casais do mesmo sexo são relativamente novas e, por isso, ainda há casais que coabitam por muitos anos, consideram-se casados, mas não o são legalmente, tornando necessário que sejam consideradas divergências demográficas e políticas entre os estudos.

Ainda, além da necessidade de expandir estudos sobre o desenvolvimento de LGBT seniores, incluindo pessoas transgêneras, bissexuais e intersexuais, fica nítida a necessidade de trabalhos brasileiros no campo, tendo em conta que os estudos sobre a temática na língua portuguesa ainda são muito escassos, e a realidade relatada com maior frequência é a norte americana, existindo uma lacuna grande de informações sobre o contexto lésbico no Brasil. Encoraja-se que pesquisas envolvam temas que possam servir como base para o desenvolvimento de políticas públicas para a mulher idosa lésbica.

## REFERÊNCIAS

- Alves, Andrea M. (2010). Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes Antropológicos*, 16(34), 213-233. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200010>
- Averett, Paige, Yoon, Intae, & Jenkins, Carol L. (2011). Older lesbians: Experiences of aging, discrimination and resilience. *Journal of Women & Aging*, 23(3), 216-232. doi: 10.1080/08952841.2011.587742
- Averett, Paige, Yoon, Intae, & Jenkins, Carol L. (2012). Older lesbian sexuality: Identity, sexual behavior, and the impact of aging. *Journal of Sex Research*, 49(5), 495-507. doi: 10.1080/00224499.2011.582543
- Bardin, Laurence (2006). Análise de conteúdo. Rego L de A (trad); Pinheiro A (trad.). Lisboa:Edições. doi: 10.1080/00224499.2011.582543
- Barker, Judith; De Vries, Brian & Herdt, Gilbert (2006). Social support in the lives of lesbian and gay men at midlife and later. *Sexuality Research & Social Policy*, San Francisco, 3(2), 1-23. doi: 10.1525/srsp.2006.3.2.1
- Baumle, Amanda K. (2014). Same-sex cohabiting elders versus different-sex cohabiting and married elders: Effects of relationship status and sex of partner on economic and health outcomes. *Social Science Research*, 43, 60-73. doi: 10.1016/j.ssresearch.2013.09.003
- Bosley-Smith, Emma R., & Reczek, Corinne (2018). Before and after “I Do”: Marriage processes for mid-life gay and lesbian married couples. *Journal of homosexuality*, 65(14), 1985-2004. doi: 10.1080/00918369.2017.1423213
- Dantas, Anne J. L. (2021). Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará.
- Fleishman, Jane M., Crane, Betsy, & Koch, Patricia B. (2020). Correlates and predictors of sexual satisfaction for older adults in same-sex relationships. *Journal of homosexuality*, 67(14), 1974-1998. doi: 10.1080/00918369.2019.1618647
- Fredriksen-Goldsen, Karen I., Bryan, Amanda E., Jen, Sarah, Goldsen, J., Kim, Hyun-Jun J., & Muraco, Anna (2017). The unfolding of LGBT lives: Key events associated with health and well-being in later life. *The Gerontologist*, 57(1), 15-29. doi: 10.1093/geront/gnw185
- Gabbay, Sarah, & Wahler, James (2002). Lesbian aging: Review of a growing literature. *Journal of Gay and Lesbian Social Services*, 14(3), 1–21. doi: [https://doi.org/10.1300/J041v14n03\\_01](https://doi.org/10.1300/J041v14n03_01)
- Goldsen, Jayn, Bryan, Amanda E., Kim, Hyun-Jun J., Muraco, Anna, Jen, Sarah, & Fredriksen-Goldsen, Karen I. (2017). *Gerontologist*, 57(suppl\_1), S50-S62. doi: 10.1093/geront/gnw174
- Griffin, Eden M., & Fingerman, Karen L. (2018). Online dating profile content of older adults seeking same-and cross-sex relationships. *Journal of GLBT Family Studies*, 14(5), 446-466. doi: 10.1080/1550428X.2017.1393362

- Who says I do: The changing context of marriage and health and quality of life for LGBT older adults. *The*
- Hoy, Aaron (2018). Invisibility, illegibility, and stigma: The citizenship experiences of divorced gays and lesbians. *Journal of Divorce & Remarriage*, 59(2), 69-91. doi: 10.1080/10502556.2017.1375332
- Humble, Áine M. (2013). Moving from ambivalence to certainty: Older same-sex couples marry in Canada. *Canadian Journal on Aging/La Revue canadienne du vieillissement*, 32(2), 131-144. doi: 10.1017/S0714980813000196
- Hsieh, Ning, & Liu, Hui (2020). Social relationships and loneliness in late adulthood: Disparities by sexual orientation. *Journal of Marriage and Family*, 83(1), 57-74. doi: 10.1111/jomf.12681
- Iacub, Ricardo, Arias, Claudia J., Mansinho, Mariana, Winzeler, Martín, & Vazquez Jofre, Rocio (2019). Sociocultural Changes and the Construction of Identity in Lesbian and Gay Elderly People in Argentina. *The International Journal of Aging and Human Development*, 88(4), 341-357. doi: 10.1177/0091415019836928
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2011). *Sinopse do Censo Demográfico*. Rio de Janeiro. Disponível em: [https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd\\_2010\\_caracteristicas\\_populacao\\_domicilios.pdf](https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/93/cd_2010_caracteristicas_populacao_domicilios.pdf).
- Kehoe Monika (1986). Lesbians over 65: A triply invisible minority. *Journal of Homosexuality*. 12, 139–152. doi: 10.1300/J082v12n03\_12
- Lima, Tânia G. (2006). Tornar-se velho: o olhar da mulher homossexual. Dissertação de Mestrado em Gerontologia. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- Nascimento, Geysa C. M., Scorsolini-Comin, Fabio, Fontaine, Anne M. G. V., & dos Santos, Manoel A. (2015). Relacionamentos amorosos e homossexualidade: Revisão integrativa da literatura. *Temas em Psicologia*, 23(3), 547-563. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2015.3-03>
- Paine, Emily A., Umberson, Debra, & Reczek, Corinne (2018). Sex in midlife: Women's sexual experiences in lesbian and straight marriages. *Journal of marriage and family*, 81(1), 7-23. Doi: 10.1111/jomf.12508
- Porreca, Wladimir (2019). Relação conjugal: Desafios e possibilidades do “nós”. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 35(SPE).
- Powell, Lisa A., & Neustifter, Ruth (2012). An updated social context for therapy with elder lesbian couples. *Journal of Feminist Family Therapy*, 24(3), 213-229. doi: 10.1080/08952833.2012.648140
- Reczek, Corinne (2012). The promotion of unhealthy habits in gay, lesbian, and straight intimate partnerships. *Social Science & Medicine*, 75(6), 1114-1121. doi: 10.1016/j.socscimed.2012.04.019
- Reczek, Corinne, & Umberson, Debra (2012). Gender, health behavior, and intimate relationships: Lesbian, gay, and straight contexts. *Social Science & Medicine*, 74(11), 1783-1790. doi: 10.1016/j.socscimed.2011.11.011
- Reczek, Corinne, Gebhardt-Kram, Lauren, Kissling, Alexandra, & Umberson, Debra

- (2018). Healthcare work in marriage: How gay, lesbian, and heterosexual spouses encourage and coerce medical care. *Journal of health and social behavior*, 59(4), 554-568. doi: 10.1177/0022146518808718.
- Rostosky, Sharon S., Riggle, Ellen D., Rothblum, Esther D., & Balsam, Kimberly F. (2016). Same-sex couples' decisions and experiences of marriage in the context of minority stress: Interviews from a population-based longitudinal study. *Journal of Homosexuality*, 63(8), 1019-1040. doi: 10.1080/00918369.2016.1191232
- Schope, Robert (2005). Who's afraid of growing old? Gay and lesbian perceptions of aging. *Journal of Gerontological Social Work*, 45(4), 23-39. doi: [https://doi.org/10.1300/J083v45n04\\_03](https://doi.org/10.1300/J083v45n04_03)
- Thomeer, Mieke B., Donnelly, Rachel, Reczek, Corinne, & Umberson, Debra (2017). Planning for future care and the end of life: A qualitative analysis of gay, lesbian, and heterosexual couples. *Journal of Health and Social Behavior*, 58(4), 473-487. doi: 10.1177/0022146517735524
- Toledo, Livia G. (2008). Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior Paulista. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Universidade Estadual Paulista, Assis.
- Umberson, Debra, Thomeer, Mieke B., & Lodge, Amy C. (2015). Intimacy and emotion work in lesbian, gay, and heterosexual relationships. *Journal of Marriage and Family*, 77(2), 542-556. doi: 10.1111/jomf.12178
- Umberson, Debra, Thomeer, Mieke B., Kroeger, Rhiannon A., Reczek, Corinne, & Donnelly, Rachel (2017). Instrumental-and emotion-focused care work during physical health events: Comparing gay, lesbian, and heterosexual marriages. *Journals of Gerontology Series B: Psychological Sciences and Social Sciences*, 72(3), 498-509. doi: 10.1093/geronb/gbw133
- Waite, Helen (2015). Old lesbians: Gendered histories and persistent challenges. *Australasian journal on ageing*, 34, 8-13. doi: 10.1111/ajag.12272
- Williams, Mark E., & Fredriksen-Goldsen, Karen I. (2014). Same-sex partnerships and the health of older adults. *Journal of Community Psychology*, 42(5), 558-570. doi: <https://doi.org/10.1002/jcop.21637>
- Whittemore, Robin & Knafl, Kathleen (2005). The integrative review: update methodology. *J Adv Nurs.*, 52(5), 546-53. doi: 10.1111/j.1365-2648.2005.03621.x

## Parte III

### A trajetória das conjugalidades nas narrativas de mulheres lésbicas idosas

#### The path of conjugalities in the narratives of elderly lesbian women

##### Resumo

Apesar dos trabalhos sobre homossexualidade na terceira idade se encontrarem em ascensão, ainda há uma lacuna sobre a conjugalidade na velhice lésbica. Este estudo teve como objetivo compreender os sentidos das relações conjugais ao longo da vida e o envelhecer para mulheres lésbicas idosas. A partir da análise temática de entrevistas narrativas, foi possível identificar cinco linhas temáticas: (1) Trajetórias conjugais e reconhecimento das sexualidades: fluidez ou binarismo?; (2) O primeiro relacionamento lésbico: características, inícios e términos; (3) Outros tempos e cidades: a vivência lésbica na ditadura; (4) Família, amigos(as) e filhos(as): entre o segredo e o apoio ; (5) O corpo e o exercício da sexualidade no envelhecimento e (6) Cuidados no envelhecimento: saúde, amigos(as), finitude, casamento, relações atuais e família. Suas vivências e reflexões sobre conjugalidade e envelhecimento combatem a visão de um padrão da velhice lésbica e se contrapõem ao estereótipo social negativo da velhice.

Palavras-chave: Relacionamento conjugal; Idosos ; Lésbica; Envelhecimento

##### Abstract

Although the studies on homosexuality in the elderly are rising, there is still a gap about conjugality on lesbian elders. This study aimed at understanding the meanings of marital relationships throughout life and aging for elderly lesbian women. From the thematic analysis of narrative interviews, it was possible to identify five thematic lines: (1) Marital trajectories and recognition of sexualities: fluidity or binarism?; (2) The first lesbian relationship: characteristics, beginnings and endings; (3) Other times and cities: the lesbian experience in the dictatorship; (4) Family, friends and children: between secrecy and support; (5) The body and the exercise of sexuality in aging and (6) Care in aging: health, friends, finitude, marriage, current relationships and family. Their experiences and reflections on conjugality and aging combat the view of an age pattern on elderly lesbians and oppose the negative social stereotype of old age.

Keywords: Marital relationship; Seniors; Lesbian; Aging

##### Resumen

Aunque los trabajos sobre la homosexualidad en la tercera edad van en aumento, aún existe una brecha sobre la conyugalidad en la vejez lesbiana. Este estudio ha tenido como objetivo comprender los significados de las relaciones conyugales a lo largo de la vida y el envejecimiento de mujeres lesbianas ancianas. A partir del análisis temático de las entrevistas narrativas, fue posible identificar cinco líneas temáticas: (1) Trayectorias conyugales y reconocimiento de las sexualidades: ¿Fluidez o binarismo?; (2) La primera relación lésbica: características, inicios y finales; (3) Otros tiempos y ciudades: la

experiencia lesbiana bajo la dictadura; (4) Familia, amigos e hijos: entre el secreto y el apoyo; (5) El cuerpo y el ejercicio de la sexualidad en el envejecimiento y (6) Cuidados en el envejecimiento: salud, amigos, finitud, matrimonio, relaciones actuales y familia. Sus experiencias y reflexiones sobre la conyugalidad y el envejecimiento combaten la visión de un modelo de la vejez lesbiana y se oponen al estereotipo social negativo de la vejez.

Palabras-clave: Relación matrimonial; Ancianos; Lesbiana; Envejecimiento

### **Résumé**

Si les travaux sur l'homosexualité au troisième âge se multiplient, il existe toujours un décalage à l'égard de la conjugalité dans la vieillesse lesbienne. Cette étude vise à comprendre les significations des relations conjugales tout au long de la vie et du vieillissement pour les femmes lesbiennes âgées. À partir de l'analyse thématique des entretiens narratifs, il a été possible d'identifier cinq axes thématiques: (1) Les trajectoires conjugales et la reconnaissance des sexualités: fluidité ou binarisme ?; (2) La première relation lesbienne: caractéristiques, débuts et fins; (3) D'autres temps et villes: l'expérience lesbienne sous la dictature; (4) La famille, les amis et les enfants: entre le secret et l'appui; (5) Le corps et l'exercice de la sexualité dans le vieillissement et (6) Soins à la vieillesse: la santé, les amis, la finitude, le mariage, les relations actuelles et la famille. Leurs expériences et leurs réflexions sur la conjugalité et le vieillissement combattent la vision d'un modèle de vieillesse lesbienne et s'opposent au stéréotype social négatif de la vieillesse.

Mots-clés: Relation conjugale; Aînés; Lesbienne; Vieillissement

## **INTRODUÇÃO**

A vivência da velhice, atualmente, traça formatos inéditos em comparação com as experiências de idosos poucas décadas atrás. A difusão de informações e os alcances da mídia nunca foram tão presentes (Derbert, 2012). As discussões sobre a sexualidade na velhice tomam mais espaço e adquirem um novo olhar, que procura desmistificar o estigma instaurado sobre a pessoa idosa como assexuada. Os esforços voltados a trazer uma velhice positiva e inclusiva com mais visibilidade são expressivos. No entanto, apesar da atenção crescente para estes assuntos, há um apagamento considerável de discussões que tragam em pauta o envelhecimento LGBT (lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais), expondo uma lacuna na literatura sobre a identidade de gênero e

sexualidade da comunidade LGBT idosa que se acentua quando se trata de mulheres (Henning, 2014; Derbert & Brigeiro, 2012; Dantas 2020).

Mais especificamente sobre a homossexualidade feminina, percebe-se um aumento nos trabalhos acadêmicos que se debruçam sobre suas especificidades, mas que em grande parte abordam uma faixa etária mais jovem, denotando ainda uma carência de um olhar específico voltado para a mulher homossexual idosa (Alves, 2010). Nesse recorte, o impacto geracional torna-se ainda maior, tendo em conta a rapidez com a qual as mudanças sociais aconteceram nas últimas décadas (Alves, 2010).

Ainda, os diferentes contextos surtem efeito sobre as configurações das interações sociais, conforme tem ocorrido com a concepção das relações conjugais, que ganhou novos contornos na contemporaneidade. Os relacionamentos entre pessoas do mesmo sexo passaram a receber maior apoio social e legal, sendo que atualmente o casamento torna-se uma possibilidade, contrastando com a vivência e expectativas de casais gays em um passado não tão distante (Luz & Gonçalves, 2018). Assim, abordar a conjugalidade LGBT é reconhecer que esta é uma realidade atual e recente, e que resulta de políticas e movimentações travadas por todo o mundo. Contudo, admitir sua existência não ameniza seus enfrentamentos. Colocar em pauta as situações de hostilidade, preconceito, invisibilização, e vivências significa manifestar a importância do assunto (Grossi, Uziel & Mello, 2007).

Tendo em conta que as experiências conjugais e as expressões da sexualidade não findam com o advento da idade, os relacionamentos amorosos são um aspecto de destaque. Para a pessoa idosa, as relações precedem toda uma bagagem que envolve seu percurso e suas experiências amorosas ao longo da vida (Fernandes-Eloi, Dantas, Sousa, Cerqueira-Santos & Maia, 2017; Araújo & Carlos, 2018). Nesse sentido, para mulheres mais velhas que vivem relacionamentos lésbicos, a oportunidade de contar sua história

de vida afetiva é tida como uma chance de dar sentido à suas memórias e apropriarem-se de suas narrativas (Alves, 2010; Almeida & Heilborn, 2008).

Considerando a necessidade de mais estudos brasileiros sobre a homossexualidade feminina na velhice, somado aos estereótipos negativos que envolvem essa fase da vida (Araújo & Carlos, 2018; Henning, 2017), é importante conhecer mais sobre o assunto, investigando desde suas primeiras experiências amorosas até o presente, as relações sociais e as transformações decorrentes do processo de envelhecimento. Sendo assim, o objetivo do presente estudo foi compreender os sentidos das relações conjugais ao longo da vida e o envelhecer para mulheres lésbicas idosas.

## **MÉTODO**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa de caráter exploratório. Para sua execução, foram realizadas entrevistas narrativas. No total, conta com oito participantes, entre 61 e 74 anos, que tiveram experiências conjugais com outras mulheres. Elas eram brancas, com exceção de uma que se considera parda. Quatro trabalham no campo da psicologia, três são professoras entre ensino básico e superior, e uma é dentista. Três são aposentadas, mas continuam trabalhando. Sua renda variava entre quatro e dez salários mínimos. Três moravam sozinhas, cinco moravam com suas esposas. Três eram solteiras (uma delas está em um relacionamento) e as outras participantes eram casadas. A maioria relata ter tido relações heterossexuais durante a vida; enquanto somente uma afirmou ter tido apenas relações homossexuais. Três participantes tinham filhos de relacionamentos heterossexuais e uma tem um filho adotivo com sua esposa.

A entrevista narrativa consiste em um método que encoraja e estimula a fala dos participantes a constituírem suas narrativas a partir de suas perspectivas. (Jovchelovitch

& Bauer, 2002; Clandinin & Connely, 2000). Nessa abordagem, não há um roteiro pré-estabelecido, contudo existem etapas a serem seguidas, que consistem em: (1) preparação - exploração do campo pesquisado, a fim de subsidiar a entrevista e servir de apoio; (2) iniciação - apresentação do tópico disparador da narração, que nesse caso consistiu na pergunta "Conte-me sobre seus relacionamentos conjugais ao longo da vida até o momento atual "; (3) narração central - a fala corrida das participantes, na qual deve-se evitar interrupções e manter uma escuta atenta; (4) perguntas para esclarecimentos acerca do que foi contado pela entrevistada, caso necessário e (5) a fala conclusiva (Jovchelovitch & Bauer, 2002). Após encerradas todas as etapas da entrevista, buscou-se dados sociodemográficos (idade, escolaridade, renda, profissão, com quantas pessoas mora, local onde nasceu, local onde mora, orientação sexual, cor ou raça e religião) para contextualização do perfil das participantes.

Considerando que a pesquisa aconteceu em meio à pandemia de Covid-19, ela se deu no formato online. O contato inicial com possíveis participantes foi realizado por meio de redes sociais e o convite de participação da pesquisa foi feito através do WhatsApp. As entrevistas aconteceram via Skype, em locais com ambiente reservado. As entrevistas foram gravadas com autorização das participantes após terem sido devidamente esclarecidas sobre a pesquisa e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética da instituição a qual se vinculam os autores desse artigo. A duração das entrevistas variou entre 40 minutos até uma hora e 45 minutos, as quais foram transcritas na íntegra. Para efeitos textuais, possibilitando a apresentação dos resultados sem expor a identidade das participantes, foram dados nomes fictícios a cada uma.

O material foi analisado através da análise temática sob o olhar do Construcionismo Social. Assim, entende-se que o foco analítico passa a ser não somente

o esquema linguístico entre falante e ouvinte, mas também a construção social mais ampla que permeia as relações sociais e interpessoais. Essa abordagem é orientada a partir do pressuposto de que as narrativas são expressões que derivam do coletivo, e não somente dos estados internos dos indivíduos, entendendo a própria narrativa como um fenômeno social (Esin, Fathi, & Squire, 2014).

Metodologicamente, a análise dos depoimentos buscou entender os temas que unificam histórias de acordo com suas semelhanças. O processo da análise temática envolve a busca por padrões repetidos de significados em um constante movimento de vai-e-vem, com leituras e releituras do material até que a análise esteja finalizada (Braun e Clarke, 2006). Para a organização do processo analítico, foram seguidas as seis fases sugeridas por Braun e Clarke (2006): (1) Familiarização com os dados - mergulhar profundamente nas entrevistas com o intuito de se aprofundar em seus conteúdos; (2) Geração dos códigos iniciais - produção de códigos a partir do material das entrevistas; (3) Busca por temas - etapa que envolve a triagem de todos os códigos gerados e os possíveis temas que podem compor; (4) Revisão dos temas para verificar se os temas estão alinhados com a totalidade do material; (5) Definição e denominação dos temas - após obter um mapa temático satisfatório os dados são refinados e são elegidos os temas apresentados ao final da análise e (6) Produção do relatório - que consiste na etapa final de escrita a partir do conjunto de dados encontrados.

Assim, ao final do processo de análise do estudo resultaram seis linhas temáticas: (1) Trajetórias conjugais e reconhecimento das sexualidades: fluidez ou binarismo?; (2) O primeiro relacionamento lésbico: características, inícios e términos; (3) Outros tempos e cidades: a vivência lésbica na ditadura; (4) Família, amigos(as) e filhos(as): entre o segredo e o apoio; (5) O corpo e o exercício da sexualidade no

envelhecimento e (6) Cuidados no envelhecimento: saúde, amigos (as), finitude, casamento, relações atuais e família.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

### **(1) Trajetórias conjugais e reconhecimento das sexualidades: fluidez ou binarismo?**

Para contar de suas relações amorosas, as entrevistadas utilizaram alguns critérios organizadores, tais como: a cronologia dos relacionamentos, suas intensidades, seus tempos de duração e seus impactos. A partir disso, a ênfase dada para cada união contribuiu também para que fosse possível entender o significado de cada relação em suas vidas.

Quando contam sobre suas experiências amorosas, indicam ter iniciado suas vidas afetivas e sexuais se relacionando com homens. As motivações para o engate dessas relações eram de diferentes justificativas, entre elas por pressão da família, pela vontade de ter filhos da forma considerada tradicional na época ou mesmo por amor e paixão. O fato é que elas, antes de viverem amores lésbicos, relacionaram-se com homens. As causas da dissolução desses relacionamentos também foram muito diversas, envolvendo traições, desentendimentos, desinteresse pelo sexo, desinteresse pela pessoa no geral e o reconhecimento da preferência por mulheres.

Para algumas entrevistadas, após a primeira relação com mulheres todos os demais relacionamentos foram exclusivamente lésbicos, como é o caso de Zélia (71 anos) que conta que "por volta dos 30 e poucos anos ou mais, depois de uma época, eu fiquei só transando mulheres mesmo, não transei mais rapazes", ou então nos casos em que casaram-se e desde então relacionam-se com suas esposas. Para outras, a relação com homens e mulheres é vista como algo que não se diferencia, como conta Heliana:

*Eu posso achar uma pessoa muito bonita, eu posso achar uma pessoa um tesão, e aí tanto faz se é homem ou se é mulher (...) Eu acredito que você se apaixona pelas pessoas, e eu acho que a paixão é que é o gatilho. (Heliana, 72 anos)*

A questão é que, como aponta Toledo (2008), a sexualidade pode não ser uma característica estática para todos, mas carrega justamente em sua fluidez e diversidade marcas da trajetória dessas mulheres, mostrando como o desejo pode transitar e rompendo com a ideia de que a sexualidade tem um lugar fixo.

De forma espontânea, eram estabelecidas linhas de corte e comparação entre seus relacionamentos com homens e com mulheres, as diferenças entre o sexo com homens e com mulheres, o que as atraía mais em mulheres em detrimento do que causava repulsa nos homens e assim por diante. Heliana (72 anos) expõe essa diferenciação bem durante sua fala: "Olha, eu vou contar, o sexo é de altíssima qualidade, eu acho. De altíssima qualidade. E tem essa, essa parte da sensibilidade, do sentir como mulher. Estar nesse lugar, meu, assim, sinceramente acho difícil um homem dar pra gente."

A coexistência da atração por homens e mulheres foi algo que apareceu muito entre os depoimentos, mostrando que a sexualidade toma lugar de fluidez envolvendo sua intimidade, mas que ainda existem tendências a comparar e a colocar as relações em posições diferentes de acordo com o sexo ao qual se relata. Indo ao encontro dessa forma de avaliar as relações, Toledo (2008) traz sobre a naturalização de colocar a heterossexualidade e homossexualidade em lugares de oposição, bem como se naturalizam o sexo e gênero.

Esse binarismo de gênero também é observado nos relatos da construção de si e na definição do relacionamento conjugal. Isso se reflete, como no caso de Bárbara (69 anos), por dificuldades com questões como a escolha das vestimentas mais "masculinas

ou femininas", ou com um desconforto sobre a posição a ser ocupada, "ser o homem ou a mulher da relação?", já que mesmo se tratando do par lésbico dicotomias heteronormativas de gênero ainda se fazem presentes. De acordo com Alves (2010), esse dualismo se expressa entre as mulheres mais velhas com mais força, quando muitas trazem os mesmos relatos de sentirem que têm que escolher entre o papel estigmatizado da lésbica masculina versus a lésbica feminina.

Apesar dos pesares, o reconhecimento de si como homossexual atualmente é relatado com mais leveza e casualidade em suas falas, marcando esse período inicial de inseguranças como algo passageiro. Para Fernandes-Eloi (2017), a construção da identidade lésbica não é uma constante, mas faz parte de um processo de transição e depende da evolução pessoal e do contexto social com o qual se relacionam. Isso significa que, para elas, o processo de reconhecer-se atraída por outra mulher, por mais que chocante inicialmente, passou por ressignificações relacionadas com sua evolução pessoal e com a evolução do contexto em que vivem.

## **(2) O primeiro relacionamento lésbico: características, inícios e términos**

Durante os depoimentos, o tema da descoberta da homossexualidade, as vivências dos primeiros amores e de seus rompimentos difíceis foram pontos tocados e detalhados por todas. Aqui, o foco da discussão se volta para os engates e dissoluções de relacionamentos lésbicos recém descobertos.

O processo de reconhecimento da homossexualidade foi relatado na maior parte das vezes como um período complexo e até traumático, de muitas dúvidas e receios em relação a si mesmas e ao que os outros poderiam pensar, como fica evidente na fala Leci:

*Então.. é... eu só descobri realmente que eu tinha tendência ou era homossexual, só a partir dos 17, 18 anos, mais ou menos isso, entendeu? E aí*

*realmente foi muito traumático porque foi a primeira vez que uma pessoa me rejeitou depois de um certo tempo, então isso foi muito difícil.* (Leci, 73 anos)

A primeira relação com outra mulher parece ser uma surpresa não tão surpreendente assim, já que após o primeiro contato todas passam a questionar momentos de suas vidas em que já se sentiram atraídas por outras mulheres, e que somente não sabiam nomear o sentimento até então, como conta Daniela:

*Na verdade, eu me dei conta de que não era exatamente a primeira mulher a ter o fato de namoro, né? Mas assim o desejo por mulher, os sinais de gênero estava... de me sentir atraída. Na escola algumas mulheres apaixonavam por mim. Isso era porquê, né? (...) E assim isso virava uma coisa meio brincadeira. Mas e depois? Eu identifiquei isso com mais clareza.* (Daniela, 66 anos)

Os primeiros contatos aconteceram em festas, na faculdade, no trabalho e por meio de amigos, e o flerte inicial acontecia vagarosamente com paqueras sutis, troca de cartas e encontros em lugares discretos, como indica Cristina (60 anos) ao falar que "Era uma coisa, às vezes em uma festa ou outra, ou em uma reunião num bar próximo a universidade você via as vezes homem beijando homem, uma mulher beijando uma mulher mas aquilo era... era escondido".

As primeiras experiências amorosas com mulheres foram relatadas como bastante intensas e por vezes conturbadas. Essas são trajetórias que trazem o aspecto emocional/sentimental muito forte. Dentre as razões para o término do primeiro relacionamento lésbico, estão essas próprias características relatadas acerca da intensidade das ligações e da própria imaturidade das partes, como trazido por Daniela:

*Eu me submetia muito, havia uma tirania forte e ali no final claro que isso vira a medalha e fica o contrário. (...) Então, na sedução era uma loucura. Então era aquela coisa toda, toda eletricidade (...) Mas nós bebíamos e tinha essa*

*coisa da relação movida a álcool. E foi assim, foi muito ruim.* (Daniela, 66 anos)

Para Alves (2010), que realizou uma pesquisa com mulheres lésbicas mais velhas, ouvir sobre suas memórias de primeiras vezes, primeiras descobertas, primeiro amor e primeiro coração partido, a partir de relatos que trazem uma linguagem sentimental marcante como a observada, são oportunidades de compreender quais os sentidos que essas relações ganham em suas trajetórias ao longo da vida.

### **(3) Outros tempos e cidades: a vivência lésbica na ditadura**

As histórias são localizadas em uma linha temporal que traz caracterizado consigo uma conjuntura de mudanças que ocorreram ao longo do tempo, de acordo com o contexto cultural do momento. Nesse tema, os registros da época, o contraste entre gerações e o espaço em que estas experiências tomaram forma entram em destaque, assim como se apresentam destacadas em suas histórias.

A própria questão da visibilidade das relações afetivo-sexuais é trazida como um marco da diferença entre o que viveram em seu tempo de juventude com o que é vivenciado pelos jovens de hoje, com frases como "Você não podia nada, você não podia nem andar de mão dada na rua", expressa por Rita (62 anos), ou então na admiração pelos casais gays que hoje encontram uma maior aceitação social, como traz Zélia (71 anos) quando diz "Isso que eu acho tão bonito de ver, os meninos e meninas de mãos dadas andando na rua e talz, não se fazia.". Houve toda uma cultura de época, como Henning (2014) observa em seu estudo, de fortes influências e pressões para que os caminhos de vida resultassem na idealizada formação da família tradicional e, dessa forma, tudo que desviasse do ideal heteronormativo e cisgênero era repreendido.

Percebe-se que falamos de uma geração permeada por influências de repressão, como aparece claramente em memórias que trazem a ditadura (1964-1985), como conta Cristina:

*Não era uma coisa libertária, uma coisa solta. Porque nos estamos falando de 1976, 1977, ou seja, nós ainda estávamos com grande força de ditadura, portando com grande força nacional e social de repressão. Pra tudo. Não só pra questão sexual. (Cristina, 60 anos)*

Nesse cenário é que moldou-se todo um fluxo sobre como as identificações e práticas sexuais eram percebidas na época. Ao ouvir sobre suas bagagens carregadas de lembranças da repressão ressalta-se o entendimento de que as interpretações e falas individuais trazem consigo reflexo de uma experiência social mais ampla (Araújo & Carlos, 2018).

Nota-se um forte contraste quando recordam de um tempo de jovialidade marcado pela experimentação, envolvimento nos grupos com os amigos, grandes festas e farras, em uma sociedade engessada e conservadora, que repudiava toda essa idealização do "amor livre" vivenciado pela juventude da contracultura, o que é bem ilustrado na seguinte fala de Zélia:

*Ao mesmo tempo que havia essa intensa repressão e intenso medo, havia também esse desejo de experimentar uma vida que fosse plena, que fosse rica, que fizesse sentido. Então, nesse circuito, muitas coisas eu pude experimentar (...) uma sexualidade que não precisava estar atrelada ao casamento ou a uma relação estável, mas que era uma experimentação também. (...) Mas fora desse circuito a gente vivia uma enorme repressão. (Zélia, 71 anos)*

A contracultura foi um movimento que apareceu como parte do estilo de vida delas na adolescência e início da vida adulta. Os questionamentos e negação da cultura

vigente na época eram marcas fortes do que se via entre os grupos que faziam parte, algumas das entrevistadas citaram inclusive terem participado de movimentos políticos de resistência e movimentos feministas. Indo ao encontro dessa informação, Almeida e Heilborn (2008) trazem justamente sobre como a identidade lésbica foi construída a partir de movimentos "alternativos" e de resistência no Brasil, apontando a forte relação entre a identidade e os grupos lésbicos com esses movimentos de afirmação.

Um evento que marca as narrativas como uma divisão temporal foi a mudança de uma cidade do interior para uma metrópole em algum ponto de suas vidas, na maior parte dos casos com o intuito de fazer faculdade. Essa mudança vem acompanhada de um novo estilo de vida mais livre e com maior abertura para viver a sexualidade, representando um momento em que se sentiam mais à vontade para assumir seus relacionamentos. Bárbara reflete sobre essa mudança:

*Imagina morar numa cidade do interior, né? Na década de 60, 60, 71? Muito moralismo. (...) Mas, então acho que eu sofri sim discriminação, preconceito. (...)\_Só me senti bastante confortável eu acho que depois, aqui em (nome de capital brasileira) mesmo, até por participar de movimentos feministas ou político, eu já tinha outra cabeça e já tinha entre 25 e 30 anos de idade.*  
(Barbara, 69 anos)

Contam como nas metrópoles existiam mais espaços de pertencimento, mesmo que ocultos e reservados, ou então sobre como a diversidade de estilos de vida entre as pessoas que circulavam era maior na cidade grande em comparação à realidade de suas cidades natais, e isso trazia um certo conforto e acolhimento.

Todo o caminho traçado na juventude tem ação no posicionamento político atual, que aparece abertamente nos depoimentos, quando relatam se identificar com pautas da esquerda e tecem duras críticas ao atual governo. O percurso marcado pela

repressão diz muito de suas identidades e do lugar que ocupam na sociedade atualmente. Para Almeida e Heilborn (2008), marcos dolorosos de suas vidas, como as memórias do tempo da ditadura, tem o poder de serem ressignificados e construírem sua identidade lésbica.

#### **(4) Família, amigos(as) e filhos(as): entre o segredo e o apoio**

A relação com suas famílias foi um ponto que surgiu espontaneamente em todos os depoimentos como motivo de forte influência em suas vidas, na descoberta da homossexualidade e no desenrolar de suas relações. Um aspecto significativo desse contexto foi o sentimento de necessidade de manter seus relacionamentos lésbicos em segredo durante muito tempo. Nas relações familiares, principalmente na juventude, estar "dentro do armário" era comum e a vida por debaixo dos panos acontecia como via de regra, conduta que, de acordo com Fredriksen-Goldsen et al. (2017) é uma realidade de coação que se estende de forma generalizada na sociedade para tudo que desvia da norma heterossexual imposta e leva ao segredo, considerando que existe um histórico de reclusão por medo de rejeição da comunidade LGBT como um todo.

O convívio entre elas e seus pais, sempre demarcados em suas histórias, foram contados sob diferentes perspectivas, desde o relacionamento avaliado de forma positiva, como foi o caso de Cássia (62 anos), "Aí a minha mãe falou assim (...) [Eu vou comprar uma cama nova pra mim e vou te dar a minha de casal, assim você fica mais confortável com as suas amigas (namoradas).] Você quer mais o que?" ou com relatos de convivência conflituosa, como contou Leci (73 anos) "Cada vez que eu ia pra casa eu suava frio pelo telefone, porque a minha mãe era uma mulher que espancava e não conversava. Batia muito, aquela coisa toda.

O segredo permeia as histórias desde os inícios das experiências da vida homoafetiva, como ilustra essa frase dita por Zélia (71 anos) "Assumir as relações, esse

tipo de coisa, somente no grupo mais estreito. A minha família não sabia, a gente não se assumia nem publicamente no trabalho, em nada disso.”. Mesmo nos relatos de maior acolhimento, temos exemplos de como a família sinalizava uma aceitação velada, conforme Cássia (62 anos) conta: "Eles sabiam. Só não tinham a coragem de perguntar porque sabe que se perguntasse eu iria responder e talvez não quisesse ouvir.". Esses movimentos de esconder e procurar evitar tocar no assunto, principalmente com a família, vão se atenuando com o passar dos anos, na medida que se sentem mais seguras e confortáveis para se abrirem.

Suas relações de amizade também ganham ênfase em seus percursos por tomarem lugar de pertencimento e conforto em suas vidas, representando por vezes uma rede de apoio não encontrada em seus próprios parentes. Entre amigos era onde podiam se expressar com mais liberdade, viver suas aventuras e encontrar um ambiente seguro de retaliações, como conta Daniela (66 anos): "Tinha isso também, era mais confortável viver essas experiências no âmbito deste grupo. (...), Então, nesse circuito, muitas coisas eu pude experimentar nessa linha das relações amorosas (...) Mas fora desse circuito a gente vivia uma enorme repressão."

Sobre suas experiências envolvendo a maternidade - em sua maioria, resultado de seus primeiros casamentos com homem, com exceção de uma das entrevistadas que é mãe solo de um filho adotivo - elas compartilham do sentimento de dificuldade de contar sobre seus relacionamentos lésbicos aos seus filhos, como conta Cristina (60 anos): “Então desde que eu me separei a primeira coisa que eu fiz foi falar com a minha filha sobre a minha escolha sexual. (...) e eu chamei e esclareci. Porque se eu queria quebrar com isso (o segredo)”.

Em termos gerais, o segredo perpassa as mais diversas formas de relacionar no relato dessas mulheres. Para Santos, Araújo e Negreiros (2018), o mecanismo de

esconder-se pode se traduzir como um reflexo das experiências de preconceito e repressão vividas na juventude, que colocam a homossexualidade em uma posição de exclusão social. Em decorrência de uma tentativa de evitar tais enfrentamentos é que o sigilo aparece como forma de camuflagem de suas relações, visto que muitos casais optam por manterem os relacionamentos ocultos aos olhos de fora.

### **(5) O corpo e o exercício da sexualidade no envelhecimento**

A forma como a velhice é vivenciada em relação às questões corporais, sexuais e de autoimagem entra em pauta, considerando que são elementos de grande impacto em seus relacionamentos e em suas vidas. No que tange as mudanças que ocorrem em um corpo que envelhece, todas as participantes trouxeram questões relacionadas à sua aparência a partir do próprio reconhecimento enquanto idosas, mas nenhuma delas mencionou algum tipo de interesse em realizar procedimentos estéticos.

No geral, o que aparece nos relatos em relação ao sentimento que têm sobre si mesmas e o envelhecer revelam um impacto positivo, no sentido de que quanto mais o tempo passa mais se sentem apropriadas de si, inclusive no que tange sua sexualidade. O sentimento de maior segurança, mais maturidade e maior aceitação aparecem disparados quando se autoavaliam. Isso fica evidente com Cristina:

*Então o fato de eu ser uma lésbica e velha digamos são dois orgulhos pra mim.*

*Eu tô conseguindo viver com saúde, fazer as coisas que eu quero, assumir a minha sexualidade, assumir a minha vida conjugal publicamente então esse caminho pra mim é muito bom. (Cristina, 60 anos)*

Já os impactos negativos em relação às mudanças físicas, como a perda de habilidades corporais, são manejados no passo que o autoconhecimento aumenta, de acordo com elas. Mesmo com as dificuldades da velhice, na maior parte dos relatos é estabelecida uma relação benéfica com o corpo e a vaidade, sentem-se mais confiantes.

Em relação ao exercício da sexualidade na conjugalidade lésbica, houve relatos que traziam o sexo como ponto central da relação, como para Daniela (66 anos), que afirma: “Mas é isso, e aí agora a gente está numa fase muito interessante de voltar a respirar e a curtir... e a ver que pode fazer sexo a qualquer momento, não são só a família ou o trabalho”; bem como, outros que contavam sobre um declínio na libido e na frequência do ato sexual, como o caso de Leci (73 anos): "Modifica muito isso. (...) O carinho, o amor, o afeto, a responsabilidade, a renúncia, mantém. Mas não é fogo de paixão, isso não tem mais".

O que foi visto de forma unânime foi uma clareza em relação às suas próprias formas de vivenciar a sexualidade e seus desejos: o sexo em si adquire um sentido diferente daquele da juventude, e que atualmente envolve um panorama maior do que o ato por si só. Fonseca, Araújo e Fernandes-Eloi (2020) apontam como a literatura recente se opõe à ideia de assexualidade dos idosos, mas entende que a sexualidade nesta fase está para além do ato em si, adquirindo um sentido mais amplo e novas maneiras de experimentação. Como indicam Henning e Derbert (2015), mesmo com a reconhecida diminuição da frequência do ato e de outras limitações que possam dificultar esse aspecto, a experimentação da sexualidade é algo que ganha novas configurações na velhice.

O contraponto que ganha força na conexão do casal é o aspecto afetivo da relação. As entrevistadas mostram que suas relações fazem parte de uma construção, e que envelhecer junto de suas parceiras é ver a convivência se solidificando com o passar dos anos, como ilustra Cássia:

*Vão aparecendo pequenas coisas que... “Ai, cansa, dói”. Entendeu? Mas a questão afetiva ela persiste. (...) que é aquela coisa do amor é construído. É*

*construção, sempre construção. Porque a paixão ela tem que continuar, mas o amor tem que caminhar junto.* (Cássia, 62 anos)

É importante ressaltar que nem sempre os sentimentos em relação ao sexo são compartilhados da mesma forma por mulheres mais velhas, existem padrões distintos e o envelhecimento é retratado sob diferentes pontos de vista (Alvez, 2010). Ainda, Derbert e Brigueiro (2012) trazem como todo o espectro da sexualidade e experimentação do prazer se dá de acordo com a gestão individual do envelhecimento de cada um, mas que não deixa de ser permeada pelas noções contemporâneas de que ter um bom relacionamento com sua própria sexualidade está ligado diretamente com melhores níveis de qualidade de vida.

#### **(6) Cuidados no envelhecimento: saúde, amigos(as), finitude, casamento, relações atuais e família**

Nesta última linha temática serão trazidas questões que envolvem o cotidiano das participantes. Seus cuidados pessoais, hábitos que mantêm, relações sociais que perduram, relacionamentos amorosos, enfim, o que efetivamente trouxeram acerca do que vivem no na atualidade. É nessa fase que começam a entrar em pauta preocupações e preparações para o futuro. Questões como moradia na velhice, resguardo legal da parceira no caso do falecimento de uma delas e cuidados com saúde passam a ser debates que ganham mais força e urgência nessa etapa.

Apesar dessas serem experiências comuns na velhice, existem pontos de estresse maior entre idosos LGBT, como é o caso da discriminação de sua identidade e o casamento. Quando essas especificidades não são consideradas e a experiência heteronormativa é generalizada a toda uma faixa etária, corre-se o risco de invisibilizar certos sofrimentos (Fredriksen-Goldsen et al., 2017; Arima & Freitas, 2017).

O exercício físico e cuidados com saúde fazem parte do hall de atos para qualidade de vida citado por elas. A atenção consigo mesma e com a parceira em relação a momentos em que ficam doentes, por exemplo, é relatada como um exercício pelo qual dão tudo de si. Os cuidados mútuos do casal ficam evidentes com a preocupação, apoio na ida aos médicos, incentivo a adotar hábitos de vida mais saudáveis e se tornam parte de sua rotina. Para Reckzec (2012), considerando que os casais lésbicos são referidos como parcerias duradoras e com fortes laços, essa conexão se estende também para os hábitos em saúde uma com a outra.

No que tange a rede de amizades das entrevistadas atualmente, esse é um assunto que aparece como algo bastante importante em seu cotidiano, tanto com pessoas mais velhas como também com jovens. Elas contam sobre as reuniões periódicas que fazem em suas casas, sobre jantares e festas que participam e trazem o valor que essas relações têm em suas vidas no sentido de agregarem como apoio, divertimento e socialização, como ilustra Zélia (71 anos), "A gente também sempre teve uma vida muito cercada de gente. Somos pessoas queridas pelos nossos amigos e amigas. Então tem muito convite para isso, pra aquilo, pra viajar, pra festa, pra fazer programinha, pra tá junto."

Ainda, é importante considerar os elementos que aparecem relacionados às questões trazidas pela própria finitude e realidade que se aproxima com o passar dos anos, como a vivência do luto ou de doenças, que são determinantes em suas relações afetivas e no cuidado que passam a adquirir na velhice. Rita traz o luto como elemento central de sua narrativa ao perder sua parceira e se ver em uma situação na qual a sua relação não foi reconhecida nem pela família e nem legalmente:

*Então aí, em todas essas coisas que muitos casais sofrem, eu diria que uma grande maioria hetero por herança e por dinheiro, a gente sofreu por ser homo.*

*(...) Aí foi acordando muito claro, a gente tava morando, casadas né, extraoficialmente, fazia quase 26 anos, 27 anos e sem nenhum documento. Eles foram na minha casa, antes da missa de sétimo dia e me disseram que eu tinha um mês pra sair de casa. Foi o maior choque, eu entrei em desespero. (Rita, 62 anos)*

Nesse sentido, o casamento aparece diversas vezes entre os relatos como meio de precaver seus próprios direitos enquanto casal frente ao possível falecimento de uma das parceiras, como nos conta Zélia:

*Mas esse mesmo nosso amigo advogado já havia dito que era melhor casar porque o contrato de união estável é um contrato legal, mas se você for casado é melhor ainda, que aí não tem contestação em relação à herança, essas coisas todas. (Zélia, 71 anos)*

Mais do que um fortalecimento da união e uma visão simbólica do que o casamento possa significar, ele aparece diversas vezes como dispositivo de segurança e regularização do relacionamento, como meio para garantir que a parceira irá receber ajuda de aposentadoria, herança e como certificação de que a relação será reconhecida. Assim, a opção do casamento se dá com o objetivo de estender à cônjuge as proteções legais e a validação social pertencente (Goldsen et al., 2017).

Suas relações amorosas atuais são relatadas sempre em tom positivo. No caso dos casais, falam sobre como superaram dificuldades para chegar onde estão hoje, sobre a importância da comunicação e sobre o privilégio da companhia de qualidade na velhice, exposto por Zélia:

*Eu acho que é um privilégio envelhecer com alguém que você ama próximo (...) Acho que não só o fato da maturidade em que vive, mas também o fato do tempo vivido junto traz uma certa sabedoria e efetivamente o conhecimento. Que você*

*conhece muito a pessoa com quem você viveu e a pessoa te conhece muito bem*  
(Zélia, 71 anos)

No lugar de atritos causados pela imaturidade, toma espaço a admiração, companheirismo e apoio mútuo. Contam como atualmente se sentem mais seguras e por isso coisas que consideram "infantilidades", como o ciúmes, já não são mais conflitos enfrentados pelo casal, conforme Leci (73 anos) expõe: "Eu acho de amadurecimento. De aceitação. Porque quando você é imaturo você arrasta muitos problemas. Desnecessários pra sua própria vida e a do outro. (...) Talvez o meu período de imaturidade ficasse lá pra trás com a ex."

Os hábitos em conjunto dos casais incluem também suas famílias. Para as entrevistadas que são mães, relatam ter contato com seus filhos e netos periodicamente, apesar de não morarem juntos fazem questão de manter proximidade. Além disso, os casais também têm seus hábitos que gostam de fazer em dupla, como assistir séries, mas o interessante foi a afirmação da importância do espaço pessoal na relação como algo muito bem estabelecido, e Cássia (62 anos) ilustra bem na seguinte fala: "Porque tudo é pensado junto. E isso não... não que você perca a sua individualidade, você não perde a sua individualidade, você tem que continuar com a sua individualidade, é claro."

Assim, elas levam a vida em conjunto, mas se mantêm atentas à sua individualidade e seus limites. Esse cuidado com a individualidade também foi observado no trabalho de Alves (2010), que expõe o forte sentimento de conjugalidade entre casais lésbicos ao mesmo tempo que apresentam uma noção própria de seus espaços, assim procuram realizar as atividades e planos em comum sem perder os hábitos individuais no caminho.

No caso das solteiras, contam como o sexo e aparência deixam de ser razões centrais para atração em parceiras e como agora se conectam mais com outros aspectos

que não os corpóreos, como inteligência e valores pessoais. Relatam ter vontade de se relacionar novamente, mas também falam de "filtros" que a idade trouxe, tornando-as mais criteriosas. O mesmo foi observado no estudo de Dantas (2020), onde foi possível perceber como os relacionamentos anteriores influenciaram e de certa forma compuseram a maneira e o que procuram em uma relação atualmente, trazendo características que faziam sentido na juventude mas já não fazem mais atualmente.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das vozes de oito mulheres com suas diferentes histórias de vida foi possível traçar um fio entre suas vivências de acordo com elementos que se destacaram em suas falas. Unir seus depoimentos foi uma tentativa de ressaltar suas existências e provocar reflexões acerca da velhice lésbica, considerando a pouca visibilidade do grupo e traçando um caminho contrário do estereótipo social negativo da velhice, justamente por trazer diferentes nuances do que se pode significar o processo de envelhecer e se relacionar.

A análise das entrevistas mostrou que tiveram suas vidas afetivas iniciadas em relacionamentos heterossexuais, sendo que parte mantém o interesse por homens e outra se relaciona exclusivamente com mulheres. A descoberta da homossexualidade e reconhecimento de suas identidades foi um processo relatado como um período difícil e conturbado, apesar de lidarem melhor com essa questão atualmente. Essas descobertas ocorreram em um contexto conservador permeado por influências da ditadura militar, suas memórias da repressão da época contrastam com o acolhimento encontrado nos grupos de amizade e também com os espaços de maior liberdade das grandes cidades. Percebe-se um padrão do segredo sobre seus relacionamentos na juventude, tanto para a família como para a sociedade. Os relacionamentos com os pais variaram o tom, contudo mesmo quando bons, ainda apresentava certa tensão quando se tratava da sexualidade.

Referente ao envelhecimento, trouxeram questões relacionadas à sua aparência mas não mencionaram interesse em mudá-la. No geral, apresentam um sentimento de apropriação de si mesmas e maior clareza nessa fase da vida. Sobre a sexualidade, o sexo em si adquire um sentido diferente daquele da juventude e passa a envolver um panorama maior do que o ato em si, ganhando novas configurações. Atualmente, preocupações com a saúde, preparações para o futuro, o autocuidado e cuidados com a parceira ganham um contorno mais expressivo. A vivência do luto aparece ligada a preocupações que vão além do sofrimento da perda em si, com a não legitimação da relação e o preconceito. Frente a isso, o casamento surge como dispositivo de segurança para o relacionamento. As amizades e o convívio social se mostraram muito importantes, bem como a rotina de convívio dos casais, que mesmo mantendo hábitos conjuntos não deixam de prezar pela sua individualidade.

Entre as limitações deste estudo está a própria composição do grupo de participantes. Todas elas têm segundo grau completo, trabalharam ou ainda trabalham em seus campos profissionais de formação, possuem boas condições financeiras, moradia e acesso à internet. Com exceção de uma delas que se considera parda, são mulheres brancas. Assim, partem de uma posição privilegiada em relação a outras mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica e racializadas, que podem trazer vivências e problemas de razões completamente diferentes dos que foram discutidos aqui. Portanto este estudo contribui para a reflexão sobre a vivência de um certo grupo de lésbicas.

É importante ressaltar que o presente trabalho não pretende estabelecer um padrão da velhice lésbica, apenas refletir sobre as experiências que as participantes trazem sobre suas histórias a partir de suas próprias perspectivas. Ainda assim, ressalta-se a necessidade de mais trabalhos nessa temática, alcançando maior amplitude da

população, de forma a contribuir com estudos futuros, considerando a importância do assunto para diversos âmbitos da sociedade, como o campo da saúde, educação e política.

**REFERÊNCIAS**

- Almeida, G. & Heilborn, M. L. (2008). Não somos mulheres gays: identidade lésbica na visão de ativistas brasileiras. *Revista Gênero*, 9(1), 225-249. doi: <https://doi.org/10.22409/rg.v9i1.102>
- Alves, A. M. (2010). Envelhecimento, trajetórias e homossexualidade feminina. *Horizontes antropológicos*, 16, 213-233. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832010000200010>
- Araújo, L. F., & Carlos, K. P. T. (2018). Sexualidade na velhice: um estudo sobre o envelhecimento LGBT. *Psicología, Conocimiento y Sociedad*, 8(1), 218-237. Recuperado de <http://www.scielo.edu.uy/pdf/pcs/v8n1/1688-7026-pcs-8-01-188.pdf>
- Arima, A. C., & Freitas, J. D. L. (2017). O Luto Velado: A Experiência de Viúvas Lésbicas em uma Perspectiva Fenomenológico-Existencial. *Trends in Psychology*, 25(4), 1467-1482. doi: <https://doi.org/10.9788/TP2017.4-01Pt>
- Braun, V., & Clarke, V. (2006). Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, 3(2), 77-101. doi: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>
- Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2000). *Narrative inquiry: experience and story in qualitative research*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Dantas, A. J. L. (2021). Narrativas de histórias de vida de idosas lésbicas: interseccionalidade entre velhice, gênero e sexualidade (Dissertação de mestrado). Universidade Federal do Ceará, Ceará.
- Debert, G. G. (2012). *A reinvenção da velhice: socialização e processos de reprivatização do envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp.
- Debert, G. & Brigeiro, M. (2012). Fronteiras de gênero e a sexualidade na velhice. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 27(80), 37-54. doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-69092012000300003>
- Esin, C., Fathi, M., & Squire, C. (2014). Narrative Analysis: The Constructionist Approach. In Flick, U (Org.), *The SAGE Handbook of Qualitative Data Analysis* (pp. 203-216), SAGE publications. Recuperado de <http://www.uk.sagepub.com/books/Book237405>
- Fernandes-Eloi, J. (2017). *Homofobia internalizada, satisfação corporal, satisfação sexual e envelhecimento de mulheres lésbicas no Brasil* (Tese de Doutorado). Universidade de Fortaleza, Ceará.
- Fernandes-Eloi, J., Dantas, A. J. L., Sousa, A. M. B. D., Cerqueira-Santos, E., & Maia, L. M. (2017). Intersecções entre envelhecimento e sexualidade de mulheres idosas. *Saúde & Transformação Social*. 8(1), 61-71. Recuperado de

<https://incubadora.periodicos.ufsc.br/index.php/saudeetransformacao/article/view/4196/4964>

- Fonseca, L. K. S.; Araújo, L. F. & Fernandes-Eloi, J. (2020) Envelhecimento, Sexualidade e Mulheres Lésbicas: Aspectos Metodológicos. In Rabelo, D., *Velhices invisibilizadas: desafios para a pesquisa em psicologia* (pp. 117-133), Piauí. Teresina, PI, EDUFPI.
- Fredriksen-Goldsen, K. I., Bryan, A. E., Jen, S., Goldsen, J., Kim, H. J., & Muraco, A. (2017). The unfolding of LGBT lives: Key events associated with health and well-being in later life. *The Gerontologist*, 57, 15-29. doi:<https://doi.org/10.1093/geront/gnw185>
- Goldsen, J., Bryan, A. E., Kim, H. J., Muraco, A., Jen, S., & Fredriksen-Goldsen, K. I. (2017). Who says I do: The changing context of marriage and health and quality of life for LGBT older adults. *The Gerontologist*, 57(1), 50-62. doi: <https://doi.org/10.1093/geront/gnw174>
- Grossi, M. Uziel, A. P., & Mello, L. (orgs.) (2007). *Conjugalidades, parentalidades e identidades lésbicas, gays e travestis*. Rio de Janeiro: Garamond.
- Henning, C. E. (2014). *Paizões, Tiozões, Tias e Cacuras: envelhecimento, meia idade, velhice e homoerotismo masculino na cidade de São Paulo* (Tese de Doutorado). Universidade Estadual de Campinas, Campinas SP.
- Henning, C. E. (2017). Gerontologia LGBT: velhice, gênero, sexualidade e a constituição dos “idosos LGBT”. *Horizontes Antropológicos*, 23(47), 283-323. doi: <https://doi.org/10.1590/S0104-71832017000100010>
- Henning, C. E., & Debert, G. G. (2015). Velhice, gênero e sexualidade: revisando debates e apresentando tendências contemporâneas. *Estudos sobre envelhecimento*. 26(63), 8-31. Recuperado de <http://repositorio.bc.ufg.br/handle/ri/18587>
- Jovchelovitch, S. & Bauer, M. W. (2002). Entrevista Narrativa. In Bauer, M. W, & Gaskell, G. *Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Editora Vozes.
- Luz, R. R. & Gonçalves, H. S. (2018). A Análise de Discurso em uma pesquisa sobre conjugalidades homossexuais. *Fractal: Revista de Psicologia*, 30(2), 37-47. doi: <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v30i2/5552>
- Reczek, C. (2012). The promotion of unhealthy habits in gay, lesbian, and straight intimate partnerships. *Social Science & Medicine*, 75(6), 1114-1121. doi: <https://doi.org/10.1016/j.socscimed.2012.04.019>
- Santos, J. V. O., Araújo, L. F., & Negreiros, F. (2018). Atitudes e estereótipos em relação a velhice LGBT. *Interdisciplinar*, 29, 57-69. Recuperado de <https://seer.ufs.br/index.php/interdisciplinar/article/view/9624/7457>

Toledo, L. G. (2008). *Estigmas e estereótipos sobre as lesbianidades e suas influências nas narrativas de histórias de vida de lésbicas residentes em uma cidade do interior paulista* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual Paulista, São Paulo.

## Parte IV

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conjunto entre as duas pesquisas procurou, de forma complementar, investigar como a literatura tem representado a velhice lésbica e compreender as reflexões trazidas por oito mulheres idosas lésbicas acerca do envelhecimento e de suas conjugalidades ao longo da vida. A revisão da literatura mostrou a escassez de artigos nacionais nas principais revistas acadêmicas da área e, portanto, a necessidade de recorrer à literatura estrangeira sobre a temática. Dessa maneira, é crucial criar condições favoráveis para uma maior produção e visibilidade científica nacional de estudos que permitam compreender a significância dos fatores e da diversidade que compõe a velhice lésbica.

As participantes apresentaram, a partir de suas narrativas, que suas expressões de sexualidade e conjugalidade vêm marcadas por representações heteronormativas. Isso pôde ser observado na repetição de binarismos, como posicionar os relacionamentos heterossexuais e homossexuais em lugares de oposição, com as questões identitárias apontadas por elas e com o próprio segredo que permeia suas relações. Ainda, é importante ressaltar que as pesquisas tratam de mulheres que cresceram em contextos conservadores. No geral, atualmente, mostram um autoconceito positivo relacionado com o envelhecimento e seus relacionamentos, que são relatados de forma positiva, bem como a maneira que encaram sua sexualidade. O sentimento de apropriação de si e maior segurança em suas relações, inclusive no que tange o ato sexual, aparecem na medida que o mesmo adquire novos sentidos e formas na velhice. Nessa fase, alguns hábitos precisam mudar e se voltam para questões que aparecem com o passar dos anos, sendo que em ambos estudos a busca por alternativas que tragam resguardo legal frente a possibilidade de desamparo aparecem com força. Também ganham destaque seus

fortes laços de amizade, os cuidados com saúde que crescem e os cuidados de uma parceira com a outra.

Ainda, é importante ressaltar que em ambas as pesquisas a limitação em relação ao perfil das participantes é a mesma. Compartilhando das limitações reconhecidas também por muitos outros pesquisadores, que é a dificuldade de acesso a pessoas mais velhas, minorias racializadas e a mulheres em situação de vulnerabilidade socioeconômica. Apesar da abertura para a inclusão dessas populações, não tivemos sucesso, o que delimita os entendimentos propostos deste trabalho.

Além da contribuição científica, o estudo ganha relevância social na medida em que propicia aos psicólogos, bem como aos profissionais da área da saúde e ciências sociais, a desenvolver e promover novas formas de cuidado condizentes com a realidade da mulher lésbica. Trazer esse tema à tona possibilita pensar sobre a vivência dessas mulheres e suas especificidades, permitindo a reflexão sobre as situações de violência e opressão e buscando desmistificar estigmas e preconceitos.